

Letícia de Melo Honório

O EMPREENDIMENTO DA TELE-ENTREGA

Uma análise da prática socioespacial a partir da prestação do serviço em
Viçosa, Minas Gerais

Viçosa, Minas Gerais
Novembro, 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

O EMPREENDIMENTO DA TELE-ENTREGA
Uma análise da prática socioespacial a partir da prestação do serviço em
Viçosa, Minas Gerais

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências para conclusão do Curso de Bacharelado em Geografia.

Estudante: Letícia de Melo Honório

Orientador: Prof. Dr. José Augusto Martins Pessoa

Viçosa, Minas Gerais
Novembro, 2008

Esta Monografia foi aprovada como requisito parcial à conclusão do Curso de Bacharelado em Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa – UFV

BANCA EXAMINADORA:

Professor Ronan Eustáquio Borges- Avaliador

Professor Leandro Dias Cardoso Carvalho – Avaliador

Professor José Augusto Martins Pessoa – Orientador

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Manuela, pelo carinho e cuidado e a meu pai, Vítor, que com o trabalho do dia-a-dia possibilitou que eu chegasse até aqui. Agradeço às minhas irmãs, Monaliza e Patrícia, pelo carinho e amizade e pela ajuda incondicional.

Agradeço a Darlan pelo incentivo sempre.

Agradeço em especial à minha segunda família, um presente que ganhei ao vir pra Viçosa: Marli, Tarcísio, D. Maria (Vó), Zé, Lú, Dani e Renatinha, obrigada por me acolherem com tanto carinho. A convivência com vocês tornou minha estada em Viçosa mais especial.

Fatinha, obrigada pela amizade e pelas músicas!

A todos parentes e amigos que lembraram, rezaram, torceram, oraram e mandaram vibrações positivas.

Agradeço aos professores da Geografia pelo conhecimento que me proporcionaram construir ao longo destes cinco anos.

Aos trabalhadores do serviço de tele-entrega em Viçosa por possibilitarem a realização desta pesquisa.

Ao Zé Augusto pela orientação e amizade.

Ao Zezeu pela amizade e orientação.

Aos colegas da Geo 2004, Amigos do Cores da Terra, do Teia, do Museu de Ciências da Terra, do GEP e de Nova Viçosa pelo aprendizado, dos livros e da vida.

À Carol (ARQ) pela ajuda nos momentos finais da monografia.

Aos amigos e amigas: Camila, Ana, Patrício, Vanessa, Marcelo, Penha, Pedrinho e Carol (do Teia).

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	vi
RESUMO	vii
INTRODUÇÃO	1
QUESTÃO NORTEADORA	4
UNIVERSO DA PESQUISA	7
PROCEDIMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	8
OBJETIVOS	11
CAPÍTULO 1 - UMA ABORDAGEM DO SERVIÇO DE TELE-ENTREGA: A REPRODUÇÃO DO TRABALHO	11
1.1 O SERVIÇO DE TELE-ENTREGA: ALGUMAS DISCUSSÕES	12
CAPÍTULO 2 -ANÁLISE DA ATIVIDADE DE TELE-ENTREGA EM VIÇOSA, MINAS GERAIS	18
2.1-GÊNESE E CARACTERÍSTICAS DAS EMPRESAS DE TELE-ENTREGA	19
2.2-CARACTERÍSTICAS DOS EMPREGADORES E TRABALHADORES DO SERVIÇO DE TELE-ENTREGA	20
2.3- “TEM QUE TER BOA PROCEDÊNCIA E SER HONESTO” - A INSERÇÃO DO TRABALHADORES NA ATIVIDADE DE TELE-ENTREGA	23
2.4 - “O SONHO DO EMPREENDEDOR”	25
2.5 - ROTINA E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	29
2.6 - OS USUÁRIOS E AS MERCADORIAS DA TELE-ENTREGA	31
2.7 - MODERNIZAÇÃO ANÔMALA	34
2.8 -“FORA DA CIDADE É MAIS CARO”-DO SERVIÇO DE TELE-ENTREGA À RE-PRODUÇÃO DO ESPAÇO	35
CONCLUSÃO	43
BIBLIOGRAFIA	46

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – EIXO ESPAÇO-TEMPORAL DE VIÇOSA, MINAS GERAIS	2
FIGURA 1.1.1 –. COMPARATIVO DO CRESCIMENTO DA TELEFONIA FIXA E MÓVEL NO BRASIL – 1998-2003	16
TABELA 2.2.1-FAIXA ETÁRIA DOS TRABALHADORES DAS EMPRESAS DE TELE-ENTREGA EM VIÇOSA E NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS POR EMPRESAS PESQUISADAS	22
TABELA 2.2.2 – RELAÇÃO DOS CADASTRADOS NO SINE VIÇOSA, JANEIRO DE 2005 A JULHO DE 2006	23
TABELA 2.4.1- JORNADA DOS TRABALHADORES DA TELE-ENTREGA EM VIÇOSA, MINAS GERAIS –2008	28
TABELA 2.5.1 – GRAU DE MODERNIZAÇÃO DAS EMPRESAS DE TELE-ENTREGA EM VIÇOSA COMPARAÇÃO DOS ELEMENTOS TÉCNICOS INCORPORADOS À ROTINA DE TRABALHO	29
FIGURA 2.6.1 – PRODUTOS COMERCIALIZADO PELA EMPRESA DE TELE-ENTREGA “D”, JULHO DE 2005 E JANEIRO A FEVEREIRO DE 2006	33
FIGURA 2.8.1 – “EXPLOSÃO” DA CASA	36
FIGURA 2.8.2 – FLUXO E INTENSIDADE DE ENTREGAS EM DOMICÍLIO PELAS EMPRESAS “A”, “B”, “C”, “D”, “E”, “F”, “G”	38
FIGURA 2.8.3 - LOCAL DE MORADIA DOS MORADORES DA TELE-ENTREGA E DOS USUÁRIOS DA TELE-ENTREGA EM VIÇOSA, MG- 2008	40
FIGURA 2.8.4 – ÁREAS DE COBRANÇA DA TAXA DE SERVIÇO DE TELE-ENTREGA EM VIÇOSA – “DENTRO DA CIDADE” E “FORA DA CIDADE”	42

RESUMO

Abordamos a prática socioespacial a partir do recorte da atividade de tele-entrega em Viçosa, Minas Gerais. Apoiados na categoria trabalho desvendamos alguns aspectos da re-produção do trabalho e do espaço, no atual momento de difusão do processo de urbanização aqui, na periferia do capitalismo. Para a realização da pesquisa foram feitas visitas às empresas de tele-entrega, entrevistas semi-estruturadas, observação não-participante, análise de fontes primárias e secundárias.

Na parte introdutória apresentamos o tema e a maneira como este se mostra à realidade socioespacial, bem como a delimitação do universo da pesquisa, os objetivos e os procedimentos teóricos e metodológicos adotados.

No primeiro capítulo abordamos a atividade de tele-entrega a partir de sua importância para a atual lógica de acumulação dos capitalistas e da re-produção do trabalho para diversos sujeitos sociais.

No segundo capítulo analisamos atividade de tele-entrega em Viçosa através da gênese das empresas, das características dos empregadores e dos trabalhadores do serviço, do modo de inserção dos trabalhadores nesta atividade, da rotina e da organização do trabalho, das características dos usuários, bem como as principais mercadorias comercializadas. A espacialização dos dados nos permitiu apreender parte da realidade socioespacial no atual momento do processo de urbanização em Viçosa.

Ao fim da pesquisa indicamos que a prestação do serviço de tele-entrega constitui um importante e precário meio de re-produção do trabalho no atual momento da urbanização em Viçosa, sobretudo para jovens do sexo masculino. A análise da localização dos usuários e dos trabalhadores deste serviço, no tecido urbano, nos revela que a “implosão-explosão” das antigas formas da cidade reafirma a segregação socioespacial, restando aos trabalhadores do serviço de tele-entrega, peças importantes ao processo de difusão da modernização na periferia do capitalismo, a urbanização desurbanizada.

PALAVRAS-CHAVE: Serviço de Tele-Entrega; Reprodução do Trabalho; Reprodução do Espaço; Prática Socioespacial; Viçosa, Minas Gerais.

Introdução

A PRESTAÇÃO DE SERVIÇO DE TELE-ENTREGA EM VIÇOSA: DO NEGÓCIO E DO TRABALHO À PRÁTICA SOCIOESPACIAL

Viçosa, localizada na Zona da Mata Mineira é emblemática aos estudos da urbanização contemporânea. Tendo seu processo de povoamento se iniciado no final do século XVIII com o declínio da atividade mineradora na região das Minas Gerais, conforme aponta Mello (2002), a “cidade” nos dias atuais, com cerca de cem mil habitantes¹, apresenta indicadores socioespaciais semelhantes ao de “cidades” bem mais populosas, como a diversidade e a densidade de veículos no trânsito, a ocupação irregular de encostas, os múltiplos loteamentos clandestinos, o alto preço dos imóveis à venda e à locação, muitas lojas especializadas em equipamentos e suprimentos para informática, a intensa e acelerada verticalização em sua área central, por exemplo.

Deste (des)encontro entre tamanho populacional, diversidade de sujeitos sociais e dinâmica urbana resulta a coexistência de espacialidades e temporalidades diversas. Usando conceitos explorados por Santos (2006), evidencia-se um “tempo lento”, o dos nativos, os viçosenses, pessoas que moram e freqüentam determinadas áreas em Viçosa, e um “*tempo rápido*”, dos *de fora*, pessoas que vêm para Viçosa atraídas, sobretudo, pelas atividades desencadeadas por Instituições de Ensino Superior e Médio, pública e privadas, aqui instaladas; estas, principalmente os mais jovens, desenvolvem um modo de vida “paralelo” ao dos viçosenses.

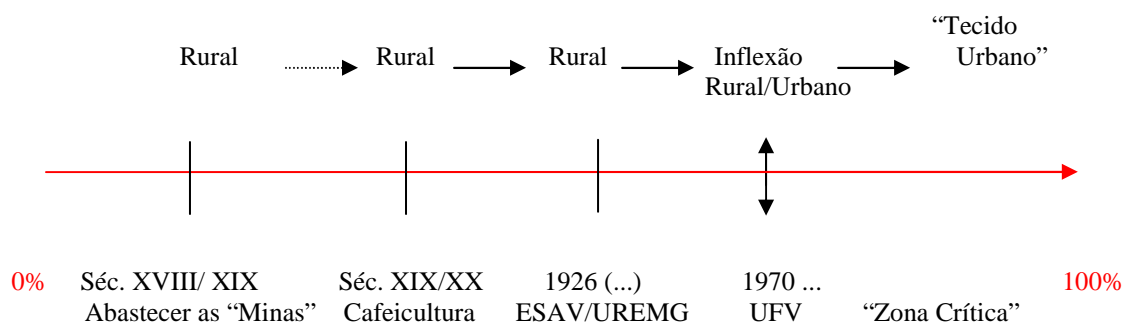
Se localizarmos Viçosa em um eixo espaço-temporal, conforme proposto e desenvolvido por Henri Lefebvre em seu livro “A Revolução Urbana” (1999), notaremos, como é típico de várias cidades brasileiras, uma transição incompleta do modo de vida rural para um modo de vida urbano sem passar por um processo significativo de industrialização de bens móveis, portanto, sem se constituir o que Lefebvre (1999) denomina de modo de vida industrial².

¹ De acordo com informações contidas no Relatório de Auto-Avaliação Institucional da Universidade Federal de Viçosa, de março de 2007, página 8, Viçosa tem “Sua população permanente de, aproximadamente, 71.624 habitantes (dados 2004) dos quais 92,19% localizam-se zona urbana e 7,81% na zona rural. Sua população flutuante supera a casa de 12.000 habitantes”. Disponível em <<http://www.cpd.ufv.br/cpa/doc/autoAvaliacao.pdf>>. Acesso em: 17 set 2008.

² A rigor seria mais correto pensar, conforme as diversas faces da dinâmica socioespacial hoje aqui encontradas, há uma concomitância de experiências oriundas destes diversos modos de vida que se reafirmam a todo instante, recriando conflitos nas, e entre, os diferentes níveis da prática socioespacial.

EIXO ESPAÇO-TEMPORAL DE VIÇOSA

MODO DE VIDA PREDOMINANTE



CARACTERÍSTICAS

FIGURA I

Deste modo, seguindo esse pensamento, atualmente podemos encontrar e localizar Viçosa, de forma paradoxal, na “zona crítica”, conceito formulado por Henri Lefebvre para designar o período “no qual questões de crescimento e de industrialização são suplantadas pela busca de soluções próprias às questões postas pela sociedade urbana”. Aqui, exemplificadas pela violência *lato sensu*, informalidade, clandestinidade fundiária, comércio de drogas ilícitas, novas profissões, novos e precários postos de trabalho, etc.

Um indício desta situação em Viçosa pode ser constatado em recentes monografias e trabalhos de conclusão de curso de Geografia e de Arquitetura e Urbanismo da UFV, cujos temas nos últimos dois anos têm aludido, principalmente, a questões referentes à degradação do meio ambiente urbano, segregação socioespacial, irregularidade fundiária, criminalidade e insegurança, alterações do clima urbano, adensamento da verticalização na área central da cidade, mutação na centralidade urbana.

Tomando indicadores socioespaciais do processo de urbanização em Viçosa, alguns elucidados por Ribeiro Filho (1997), e considerando as transformações em curso na vida cotidiana, tratadas em recente trabalho de investigação sobre o processo de urbanização em Viçosa, realizado durante estágio voluntário no Grupo de Estudos e Pesquisa – GEP³, Vida Cotidiana, Tecido Urbano e Hospitalidades Contemporâneas em

³Grupo de Estudo e Pesquisa, em consolidação, o qual integra a Linha de Pesquisa Vida Cotidiana e Produção do Espaço Urbano do

Viçosa, nos coube indagar sobre as características e implicações do atual processo de modernização socioespacial em Viçosa, o qual, ao novo ver, decorre em grande parte da interação (direta ou indireta) da população “de Viçosa” com “os de fora”.

Para atender a estas pessoas: estudantes, professores, prestadores de serviços, dentre outros, vindas de diversas partes do país e também do exterior, tem surgido e crescido uma variedade de serviços especializados e não especializados, sobretudo atividades que envolvem, quase sempre, relações de hospitalidade⁴ entre trabalhadores viçosenses e usuários não-viçosenses. Dentre estas atividades destacamos o serviço de tele-entrega.

Atividade do seguimento de mercado de prestação de serviços, a tele-entrega e o serviço do motoboy, seu posto de trabalho mais evidente, têm ganhado destaque cada vez maior em manchetes de jornais e revistas, impressos e eletrônicos, dada a sua efervescência nos grandes centros urbanos no Brasil. Em uma recente reportagem da revista “Retrato do Brasil”, edição outubro/novembro de 2008, os motoboys são classificados como “Exército da Salvação” para o caótico trânsito de São Paulo. Seja como solução aos problemas do trânsito (para uns), opção de emprego (para outros) ou nova maneira de comprar mercadorias (para os que vendem e para os que usam o serviço), o fato é que esta atividade, típica de grandes centros urbanos, também se encontra difundida aqui. Portanto, ela não nos revelaria elementos à compreensão do processo de urbanização no qual estamos imersos?

Desta forma, analisamos a prática socioespacial a partir do recorte do serviço de tele-entrega em Viçosa, Minas Gerais, apreendendo as espacialidades e temporalidades imbricadas nesta atividade. Através das objetivações de seus sujeitos nos foi revelado não só como os mandos do capital repercutem nos meios periféricos, mas como se dá a reprodução do trabalho e do espaço em Viçosa, no atual momento de difusão da modernização.

GEMAPP/CNPq/UFV: Grupo de Elaboração, Monitoramento e Avaliação de Projetos Sociais. Coordenado pelo prof. Dr. José Augusto Martins Pessoa e pelo Mr. José Raimundo Silva Costa, o GEP reúne alunos dos cursos de Geografia e Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Viçosa.

⁴ Dentro da abordagem teórico-metodológica, adotada pelo GEP, entendemos por relação de hospitalidade as relações de reciprocidade tanto simétricas quanto assimétricas, ou seja, entre sujeitos sociais “iguais” ou “diferentes”, tendo em vista suas diversas inserções e condições objetivas de vida quanto ao uso, a troca e ao valor. Neste sentido, podemos indicar a recorrência do que poderíamos denominar de modos diversos de reciprocidade baseados ora na forma-dádiva, ora na forma-cordial e ora na forma-mercadoria, hoje presente na vida cotidiana dos, e entre os diferentes segmentos sociais. Estas relações têm se mostrado como indutores e aceleradores da reprodução do trabalho, do espaço e do tempo neste momento histórico em Viçosa.

QUESTÃO NORTEADORA

A fim de espacializar e desvendar um fragmento do processo que culmina na reprodução do trabalho e do espaço em Viçosa, partimos do livro de Henri Lefebvre, “A Revolução Urbana” (1999), no qual o autor levanta a hipótese da “urbanização completa da sociedade”. Tomamos como objeto teórico de estudo a “sociedade urbana”, uma virtualidade para o filósofo. “Denominaremos ‘sociedade urbana’ a sociedade que resulta da urbanização completa, hoje virtual, amanhã real” (LEFEBVRE, 1999, p. 15).

Contudo, a análise de um objeto cujo espaço e tempo ainda estão sendo gestados, e em parte produzidos, no seio das sociedades que o antecede, requer apoio em um objeto empírico para que, no movimento do pensamento, seja revelada a potencialidade do devir. De tal modo, tomando como objeto empírico a prática socioespacial engendrada pelo serviço de tele-entrega em Viçosa, indicamos como questão norteadora que esta atividade pode nos revelar elementos que permitem elucidar como se dá a reprodução do trabalho e do espaço em Viçosa no momento atual do processo de urbanização.

O filósofo Henri Lefebvre (1999, p. 77), em “A Revolução Urbana”, nos propõe noções metodológicas que “permitem introduzir certa ordem nos confusos discursos concernentes à cidade e ao urbano”. Trata-se, pois de pautar a análise tomando os diversos níveis da prática espacial, a saber: nível Global (G), nível Misto (M) e nível Próximo (P). Lefebvre sugere e defende, ainda, a necessidade de decodificarmos a realidade urbana a partir do nível Próximo, do habitar, até então negligenciado. Contudo, o autor não descarta a importância do nível Misto como um ponto de partida. Pois, “Se o global quer reger o local, se a generalidade pretende absorver as particularidades, o nível médio (Misto: M), terreno de defesa e ataque de luta, pode servir. Porém, ele permanece meio” (LEFEBVRE, 1999, p. 87).

Portanto, neste trabalho, ao abordar o serviço de tele-entrega tomando como interlocutores os sujeitos que oferecem e prestam este serviço em Viçosa, partimos do nível Médio, dos aspectos do econômico, o terreno intermediário entre o local e o global, cientes de que é imprescindível prosseguir na pesquisa (projeto futuro), alcançar a raiz das coisas, chegar ao habitar, até então negligenciado. Pois, no que diz respeito à importância dos níveis Global, Médio e Próximo, Lefebvre (1999, p. 88) salienta que o “Urbano se define pela unidade desses últimos níveis, com predomínio do último (índice P)”.

No decorrer do trabalho, para melhor elucidação do modo como se dá a

propagação acelerada da urbanização no “mundo” contemporâneo, recorremos a David Harvey (2004), em “Condição Pós-Moderna”, mais precisamente quando ele trata da transição do fordismo ao modo de acumulação flexível (assim denominado pelo autor), ocorrida a partir da década de 1970 nos países centrais do capitalismo. Segundo Harvey, este processo implicou em mudanças de normas, hábitos, atitudes culturais e políticas, constituindo as bases de um individualismo exacerbado, sem o qual muito dificilmente ocorreria a transição de uma fase à outra. Entretanto, ele admite ser difícil compreender a natureza dessas mudanças, pois no geral, não se trata de claras rupturas. A questão aqui consiste em analisar a prática do serviço de tele-entrega em Viçosa tendo em vista o nosso contexto de transição, “incompleta” ou derivada, e as implicações do atual processo de modernização capitalista para a reprodução do trabalho e do espaço neste lugar, ou local (?), do tecido urbano.

Neste sentido, muito contribui ao desenvolvimento do trabalho os conceitos e noções desenvolvidas pelo sociólogo José de Souza Martins, principalmente as contidas em seu livro “A Sociabilidade do Homem Simples: cotidiano e história na modernidade anômala”, o qual, no âmbito da sociologia, tem nos esclarecido sobre o processo de difusão da modernização no Brasil, anômalo e desumanizado.

A categoria conceitual trabalho, tida enquanto condição ontológica do homem, aqui é abordada tendo em vista sua centralidade para a sociabilidade no mundo contemporâneo. Neste sentido, incluimos as contribuições de Ricardo Antunes, em “Os Sentidos do Trabalho” (2000), quando este amplia a noção marxiana de classe trabalhadora e nos esclarece sobre as mutações ocorridas no mundo do trabalho. Partindo do advento da acumulação flexível, quando muitos autores profetizaram o fim da centralidade do trabalho, Antunes (2000) vai nos chamar a atenção para a existência da “classe-que-vive-do-trabalho”.

Ao contrário dos autores que defendem o fim das classes sociais, o fim da classe trabalhadora, ou até mesmo o fim do trabalho, a expressão classe-que-vive-do-trabalho pretende dar contemporaneidade e amplitude ao ser social que trabalha, à classe trabalhadora hoje, apreender sua efetividade sua processualidade e concretude. (ANTUNES, 2000, p.101).

Para a realização da análise foi imprescindível adotar as noções de espacialidade e de temporalidade. Ou seja, ter em mente que o espaço é formado por diversos lugares produzidos e apropriados por diversos grupos sociais que experenciam diversos tempos e ritmos. Não há, pois, um espaço homogêneo, onde as técnicas se impõem sem

constrangimentos, sem tornar residual o que outrora fora vigente. Desta forma, admitimos, em acordo com Salgueiro (2001), que todo lugar, por resultar da relação social, é espacialidade.

Em Viçosa encontramos a coexistência de espaços apropriados por diferentes usos e ações sociais que se realizam no interior de experiências de ritmos. O ritmo de trabalho do motoboy é diverso do ritmo do professor universitário da instituição pública. Também, o ritmo do estudante universitário que vem de uma família nuclear se diferencia do de outro estudante, também universitário, cuja família tem todas as características patriarcais. Ainda, em “tempos de globalização”, quando as tecnologias da informação (informática, telefonia, satélites artificiais) tendem a encurtar as distâncias, os tempos socialmente produzidos são cada vez mais diversos. *Logo, é da diversidade de apropriações do espaço e de ritmos do tempo que se fazem presentes as espacialidades e temporalidades contemporâneas, ou seja, desiguais e combinadas.* Contemporâneas porque uma vez analisadas percebe-se que o passado não se anula, resiste em formas residuais ou plenas, às vezes como resistência, outrora como atraso. Contemporâneas porque cada sujeito e grupo social trazem em si, consigo, as marcas de tempos e espaços que os constituem enquanto ser social, e *na sociabilidade com outros sujeitos novos tempos espaços que se formam.*

Cada época tem um modo específico de experiência do espaço e do tempo, e produz tempos (temporalidades) e espaços (espacialidades) não integrados porque o tempo possui vários ritmos e o espaço vários atributos. Afirmam-se tempos e espaços hegemônicos e persistem espaços e tempos dominados (SALGUEIRO, 200, p.100).

Neste sentido, para a investigação do objeto empírico aqui proposto e sua conseqüente análise, partindo do nível econômico em direção ao social, entretanto sem alcançá-lo por inteiro, foi essencial ter em mente que há uma desigualdade combinada entre os vários ritmos do desenvolvimento histórico, e eu acrescentaria de atributos espaciais, “Justamente aí o desencontro entre o econômico e o social na sociedade capitalista expressa o avanço do econômico em relação ao social, este atrasado em relação àquele” conforme nos salienta José de Souza Martins em “A Sociabilidade do Homem Simples” (2000, p.117), quando este discute “As temporalidades da História na Dialética de Henri Lefebvre”.

Logo, trata-se de considerar o espaço e o tempo em movimento, nunca estáticos ou acabados. O espaço-tempo urbano, em constituição, é produto social, mas também

condição e possibilidade, por isso, é o campo de onde partem as investigações.

UNIVERSO DA PESQUISA

Se nos ativermos às propagandas dos mais diversos estabelecimentos comerciais em Viçosa: papelarias, drogarias, supermercados, laboratórios de análises clínicas, pizzarias, lanchonetes, bares, restaurantes, *pet shops*, etc., veremos que o serviço de entrega em domicílio não é disponibilizado somente pelas empresas especializadas nesta atividade. Contudo, nestes estabelecimentos o serviço de tele-entrega é apenas um complemento à atividade maior da empresa, qual seja a comercialização “normal” de produtos, fato que, nesta pesquisa, contribuiu para a não inclusão destas no universo da pesquisa.

Logo, nesse trabalho foram consideradas apenas as empresas especializadas no serviço de tele-entrega. Ou seja, aquelas cuja principal forma de contato (inicial) com os clientes é através do atendimento remoto, por telefone. Outros critérios utilizados para o levantamento das empresas foram: funcionamento em um local fixo, uma infra-estrutura mínima de funcionamento (linha telefônica, motos), um nome fantasia, com o qual a empresa se apresenta aos consumidores e o fato de oferecerem o serviço de motoboy como um de seus produtos. Não foi usado como critério de seleção o fato destas empresas serem formais ou informais, legais ou “ilegais”.

Compreendemos que tal atividade se situa entre o setor de comércio e de serviços, pois pode haver venda e entrega de mercadorias ou somente a prestação de serviços, sendo, em todos os casos, indispensável o trabalho do motociclista profissional, aqui denominado “motoboy”. De qualquer forma, a principal característica desta atividade é compra e entregas de mercadorias (produtos ou serviços) sem que haja o deslocamento físico do usuário, desde que para isso seja utilizado algum aparelho técnico-informacional (para se solicitar o serviço) e um aparelho técnico de transporte (para se concretizar a atividade). Nos casos levantados em Viçosa utiliza-se principalmente o telefone, fixo e móvel, e a motocicleta.

Ainda, no que tange às novas modalidades de trabalho com incorporação de tecnologia da informação, há o chamado teletrabalho. Entretanto, apesar da tele-entrega e do teletrabalho se inserirem em um mesmo universo, faz-se necessário uma distinção entre ambos. “Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT) o teletrabalho é qualquer trabalho realizado num lugar onde, longe dos escritórios ou oficinas centrais, o

trabalhador não mantém um contato pessoal com seus colegas, mas pode comunicar-se com eles por meio das novas tecnologias” (ESTRADA, 2008, p. 4). Já o serviço de tele-entrega, assim entendido por nós, implica no relacionamento diário de empregadores e empregados em um local de trabalho estabelecido de maneira fixa, podendo ser até mesmo a casa do empregador, mas nunca a do empregado.

Definido os critérios que delimitam o objeto, foram levantadas sete empresas de tele-entrega em Viçosa, as quais serão denominadas “A”, “B”, “C”, “D”, “E”, “F” e “G”, cuja ordem se refere à seqüência em que foram cedidas as entrevistas. A opção pela adoção de letras, ao invés dos nomes, deve-se ao fato de em duas empresas as entrevistas terem acontecido com seus funcionários, portanto, não foi possível saber dos proprietários se poderíamos divulgar os nomes de suas empresas. Exceto nestes dois casos, os interlocutores diretos foram os donos dos estabelecimentos visitados. O universo da pesquisa abarcou diretamente sete sujeitos e indiretamente mais de cinquenta sujeitos, empregados das empresas de tele-entrega em Viçosa. Nos sete estabelecimentos visitados foram contabilizados cinquenta e quatro pessoas (dentre empregadores e empregados). Entretanto, devido fortes características do emprego de tipo familiar, em todas as empresas visitadas, é possível que haja mais sujeitos envolvidos na atividade, pois nem sempre os trabalhadores familiares são contabilizados.

PROCEDIMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO

As modificações atuais impostas ao mundo do trabalho e do não-trabalho incidem nos diversos modos de vida e se realizam reproduzindo lugares. O capital, em seu novo estágio coloca novos limites ao uso e à apropriação do espaço e do tempo. O serviço de tele-entrega, originária destas transformações, é uma atividade relativamente nova e oferecida em diversos estabelecimentos comerciais, contudo pouco se sabe sobre as implicações desta no que tange à reprodução do trabalho, do tempo e do espaço.

Assim, o serviço de tele-entrega, visto sob o ângulo do econômico e do trabalho, este, em acordo com Thomaz Júnior (2002), “entendido tanto em nível da relação metabólica homem-meio, quanto na dimensão da regulação sociedade-espaço, nas suas diferentes manifestações (assalariado, autônomo, informal, domiciliar, terceirizado, etc.)”, tem em seu conteúdo espacial a chave que nos permite analisar aspectos da urbanização em Viçosa.

Parece claro que esta atividade, tal como se apresenta hoje, é resultante das

estratégias do capital em diminuir o tempo de realização e acumulação da mais-valia. Se isto tem validade, a análise das bases e implicações desta atividade, situada aqui na periferia do capitalismo, confirma e reforça o fato de no advento do período denominado por Santos (2006) de “técnico-científico-informacional”, em que se dá a produção cada vez maior de valores de troca, para o modo de produção capitalista “a aceleração do tempo de giro na produção teria sido inútil sem a redução do tempo de giro no consumo” (HARVEY, 2004, p.148).

Assim, através de aproximações sucessivas, poderemos compreender o fenômeno de reprodução socioespacial em seu movimento, portanto, “Não se trata de localizar no espaço preexistente uma necessidade ou uma função, sim o contrário, de espacializar uma atividade social, vinculada a uma prática em seu conjunto, produzindo um espaço apropriado” (LEFEBVRE, 1976, p.9).

Trata-se, portanto, de nos orientarmos pelo que revela a geógrafa Amélia Damiani (2003) quando esta em “O urbano no mundo da mercadoria”, nos esclarece que nos dias atuais “o urbano constitui uma mercadoria primordial e através de sua análise compreendemos não só o urbano, a urbanização enquanto negócio, mas também os limites, as características e a potência do movimento do capital no Brasil” (DAMIANI, 2003, p. 369). Para isso, foi preciso uma revisão bibliográfica a respeito das recentes transformações ocorridas no mundo capitalista, tendo em vista, sobretudo as incidências destas em nosso país.

Devido à característica do objeto, e em se tratando de uma investigação que se inscreve nos campos das ciências humanas, optamos pela pesquisa qualitativa. Esta “parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 1995, p. 79). Além disso, a possibilidade de emprego de técnicas variadas para coleta de dados primários, a consulta a dados secundários, bem como o contato direto com os interlocutores foram pontos relevantes à escolha.

O objeto da pesquisa implica relações tangíveis e não-tangíveis que se projetam fisicamente em lugares diferentes, da bolsa de valores à cozinha de uma casa, por exemplo, e se apresentam na “unidade característica do ‘real’ social, o agrupamento: formas-funções-estruturas” (LEFEBVRE, 1999, p. 80). Desta forma, tratou-se de ultrapassar os limites concernentes à dicotomia campo X cidade e adotar a noção de tecido urbano.

A concentração da população acompanha a dos meios de produção. O tecido urbano prolifera, estende-se, corrói os resíduos da vida agrária. Estas palavras, o tecido urbano, não designam, de maneira restrita, o domínio edificado nas cidades, mas o conjunto das manifestações do predomínio da cidade sobre o campo (LEFEBVRE, 1999, p.17)

Trata-se, pois, de considerar os indícios de que um novo modo de vida está sendo gestado e neste processo, mediando o Global e o Local, o econômico hoje se afirma com primazia. Por isso, tomamos o nível Médio, ou seja, o do econômico; mas ciente do limite deste, e que se presta como um *ponto de partida e não de chegada* quando se pretende alcançar a totalidade do processo urbano. Partimos, portanto, do conjunto especificamente urbano, sendo o *tecido urbano* o conceito sobre o qual fizemos a objetivação do objeto.

A pesquisa, iniciada por uma revisão bibliográfica e uma busca por dados primários e secundários que contribuíssem à análise, seguindo o movimento do pensamento, foi se desenrolando à medida que nos aproximamos do objeto, momento em que coletamos os dados e depois os espacializamos. Em relação aos procedimentos metodológicos adotados, primeiro foram realizadas entrevistas semidirigidas a sujeitos proprietários de empresas ou seus indicados, prestadores do serviço de tele-entrega em Viçosa. De início, para chegar a estes, foram utilizadas as páginas de anunciantes da Lista Telefônica da Mata Norte 2008/2009, disponibilizada aos clientes pela empresa concessionária do serviço de telefonia da região. Sendo poucas as empresas de serviço de tele-entrega, em Viçosa, que se anunciam na lista telefônica - somente duas-, utilizamos panfletos, cartões, folders e demais materiais de propaganda. Também, a fim de levantar o maior número de empresas de tele-entrega em Viçosa usamos a técnica conhecida, no campo da antropologia, como “bola de neve”, que aqui consistiu em, a cada fim de entrevista, pedir aos interlocutores que indicassem outras empresas que em Viçosa prestam o serviço de tele-entrega. Desta forma, novas indicações são possibilidades de aumentar o universo da pesquisa, ao passo que a repetição de indicações indica que o universo da pesquisa está se “fechando”.

Pelas características de uma pesquisa qualitativa e pela pouca disposição de tempo dos entrevistados, por estes estarem em seus respectivos locais e horário de trabalho, a entrevista semidirigida (ver o roteiro de entrevista em anexo) nos pareceu ser a mais adequada. Esta, segundo Campenhoudt e Quivy (2005, p.194), possibilita “a flexibilidade e a fraca directividade do dispositivo que permite recolher os testemunhos e as interpretações dos interlocutores [...]”. As entrevistas foram acompanhadas de

observação não-participante e anotações em um diário de campo. Os dados foram espacializados e tratados pela análise de conteúdo.

OBJETIVOS

Gerais

Através da análise da atividade de tele-entrega desejamos apreender os efeitos do recente processo de difusão da modernização para a reprodução do trabalho e do espaço em Viçosa.

Específicos

- Identificar a gênese e o desenvolvimento do serviço de tele-entrega em Viçosa, Minas Gerais;
- Compreender os fatores relacionados à localização das empresas de tele-entrega no tecido urbano em Viçosa e os principais sujeitos que fazem uso do serviço;
- Identificar os principais tipos de sujeitos que constitui os empresários e os trabalhadores da tele-entrega, quanto ao gênero, idade, lugar de origem e de moradia, grau de escolaridade, etc;
- Analisar as principais formas de inserção dos trabalhadores no serviço de tele-entrega em Viçosa, experiências em trabalhos anteriores, vínculo empregatício, jornada de trabalho, rendimento mensal, etc;
- Identificar os principais tipos de produtos e/ou mercadorias que são distribuídos pelo serviço de tele-entrega em Viçosa;

Capítulo 1

UMA ABORDAGEM DO SERVIÇO DE TELE-ENTREGA: A RE-PRODUÇÃO DO TRABALHO

Atualmente as diferentes formas de acumulação de capital buscam, principalmente, romper as barreiras impostas pelo espaço por meio da velocidade dos fluxos de informação e superutilização dos recursos técnicos. Neste caso, no que se refere à importância da tele-entrega para a ativação da produção de mercadorias, cabe lembrar Marx (1974, p. 284) em *Para a Crítica da Economia Política*: “a própria distribuição é um produto da produção”. Logo, a tele-entrega como parte do processo de produção global, não se trata somente de distribuição de produtos, mas antes de o ser, é:

“distribuição de instrumentos de produção e [...] distribuição dos membros da sociedade entre os diferentes gêneros de produção” (MARX, 1974, p. 285). Sendo assim, está inserida na divisão social e territorial do trabalho, agora pela alargada possibilidade de exploração da “classe-que-vive-do-trabalho”.

Portanto, o serviço de tele-entrega se torna importante à lógica global de produção capitalista porque, mesmo sendo uma atividade improdutiva, complementa o setor industrial ao capilarizar o consumo (direto ou indireto) de produtos manufaturados. Neste sentido, Viçosa, como *um lugar no mundo*, insere-se de maneira marginal na rede global de troca, circulação e consumo. Usando dois conceitos desenvolvidos por Milton Santos (2006), nesse processo onde “horizontalidade” e “verticalidade” se encontram é que Viçosa ocupa seu lugar no espaço global.

Contudo, não se trata de um espaço global, homogêneo. É preciso recordar os antecedentes históricos responsáveis pela assimetria entre o econômico e o social: o processo de modernização da sociedade capitalista se deu sob um abismo tecnológico, econômico e social sem precedentes de modo que os países periféricos cumpriram e continuam a cumprir seu papel de mantenedores do modo de produção capitalista por meio da “inclusão precária, marginal e instável”, conforme tão bem nos esclarece o sociólogo José de Souza Martins (1997, p. 30) em “Exclusão Social e a Nova Desigualdade”.

Neste sentido, longe de se concretizar as potencialidades de uma vida social mais igualitária, a sociedade gestada no seio das recentes transformações “tecnocientífico-informacionais” acompanha o encurtamento das distâncias e com isso vê aumentar o fluxo de mercadorias, mas, para grande parcela da população, as potencialidades da modernização não passam de promessas da modernidade. Como salienta José de Souza Martins (1997) há uma integração econômica (já que as pessoas têm que *ganhar dinheiro* para sobreviver), mas uma desintegração moral e social, dada as condições de trabalho a qual está submetida grande parte da sociedade.

1.1. O serviço de tele-entrega – algumas discussões

São poucos os trabalhos que abordam a prática da tele-entrega no Brasil, apesar desta atividade estar bem difundida. Piotrowicz e Petrovick (2003), ao analisarem o serviço de tele-entrega por estabelecimentos farmacêuticos de Porto Alegre constataram que 17% das farmácias e drogarias cadastradas na lista telefônica da cidade ofereciam tal serviço. Alertando para os riscos de se consumir medicamentos através da tele-

entrega, devido à diversidade de prescrições quanto ao uso e ao transporte de medicamentos, os autores, em um estudo bem específico, dentro das ciências farmacêuticas, buscaram avaliar o grau de cumprimento da legislação cabível ao caso. De acordo com os autores as dificuldades em se avaliar o comportamento das empresas farmacêuticas que disponibilizam aos seus clientes o “atendimento remoto” são agravadas pela inexistência de uma normatização específica para a prestação deste serviço no ramo farmacêutico.

Francisco da Silva (2004) explicita como funciona o “teletrabalho” na cidade de Natal por meio de uma abordagem descritiva das redes de farmácias, dos serviços de telemensagem e agências de turismo. Em seu trabalho o autor parece depositar extrema confiança no desenvolvimento tecnológico, chegando a declarar que “o mundo do futuro será o mundo da integração de forças, o qual será proveitoso a quem souber interagir e tirar proveito das interfaces. Esse mundo exigirá novas instituições para articular os seres humanos com o conhecimento e as tecnologias”. Neste caso, parece que para o autor, a propagação da demanda e da oferta dos serviços de tele-entrega, assim como os tele-trabalhos, revelaria a face positiva do processo de modernização. Contudo, se levarmos em conta o fato de que a modernização, aqui, não se dá de forma homogênea, não é na mesma perspectiva de um otimismo “tecnológico” que se encara o fato neste trabalho.

Entre dados estatísticos e prospectivas do mercado evidencia-se, conforme apontado por Diniz (2003) em “Entre as Exigências de Tempo e os Constrangimentos do Espaço: as condições acidentogênicas e as estratégias de regulação dos motociclistas profissionais”, que a tele-entrega, e seu posto de trabalho mais evidente, a atividade do motoboy, parece ser reflexo de um salve-se quem puder, no atual momento histórico do desenvolvimento do capitalismo. Entretanto, apesar da crescente importância desta atividade para a circulação de pequenas cargas e documentos nos grandes centros urbanos, são poucos os estudos, científicos, que abordam o caso:

Os motociclistas profissionais constituem uma categoria relativamente nova. Em pesquisa realizada, notou-se que a profissão, até o momento, tem sido abordada apenas em revistas semanais e jornais. Nas revistas especializadas em motofrete, as abordagens versam sistematicamente sobre os problemas relativos à inexistência de regulamentação da categoria em algumas cidades, sobre os valores monetários para frete e sobre o piso salarial estabelecido em acordos coletivos. (DINIZ, 2003, p. 45)

Potencializados pela situação da “compressão tempo-espço”, o serviço de tele-

entrega vitima trabalhadores, os quais, uma vez possuindo somente o corpo como oferta, se submetem aos desígnios do capital, arriscando suas vidas e engrossando as estatísticas dos acidentes de trânsito nos centros urbanos. Hatem Diniz (2003) no âmbito de seu trabalho de mestrado na Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais, concluído em 2003, estudou o caso dos trabalhadores motoboys em Belo Horizonte e Uberlândia e identificou, dentre outros fatores, que a pontualidade exigida pelos clientes da tele-entrega é um agravante da precarização das condições de trabalho dos motoboys. A partir dos estudos de Diniz uma tentativa de melhorar as condições de trabalho dos motociclistas do estado surgiu em 2005 com a assinatura de uma Convenção Coletiva⁵ que deverá “garantir condições adequadas de trabalho aos motociclistas de Minas Gerais” (MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO, 2005).

Contudo, apesar desta importante conquista, o desenvolvimento da atividade de tele-entrega tende a se intensificar fazendo necessário o desenvolvimento de políticas públicas que abarquem os motociclistas profissionais de todo o país.

Em época de grande crise econômica, a facilidade em se adquirir uma motocicleta veio a calhar para muitos trabalhadores, principalmente jovens, que sob a ameaça do desemprego vêm na prestação do serviço de motoboy uma grande oportunidade de geração de renda. Em declaração à Diniz (2006), o gerente nacional de vendas da empresa Sundown, uma das maiores fabricantes de motocicetas do país, alega que o baixo preço e o maior número de parcelas são atrativos indiscutíveis para quem quer entrar no “ramo”. Em contraposição, a ABRAMET – Associação Brasileira de Medicina de Tráfego- em declaração a Borges (2005), acusa as montadoras de terem usado “um artifício, que é o desemprego, para alavancar as vendas, reforçando a idéia da moto como ferramenta de trabalho”.

No Brasil, de acordo com informações da Câmara dos Deputados (2007), há cerca de três milhões de trabalhadores motociclistas (motoboys e mototaxistas). Mas, por falta de informações oficiais sobre a atividade, o Projeto de Lei 6302/02, que regulamenta a profissão, ainda não foi aprovado. Neste caso, as normas e leis que regulamentam a atividade deveriam ficar a cargo dos municípios. Entretanto,

O artigo 30 da Constituição determina que compete aos municípios ‘organizar e prestar, diretamente ou sob regime de concessão ou permissão, os serviços públicos de interesse local, incluído o de transporte coletivo, que

⁵ Convenção Coletiva de Trabalho – CCT é um acordo normativo firmado entre os sindicatos de empregados e de empregadores e visa complementar a CLT - Consolidação das Leis Trabalhistas.

tem caráter essencial'. Apesar disso, em resposta a uma Ação Direta de Inconstitucionalidade impetrada pela Confederação Nacional de Transportes, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que o assunto é de competência exclusiva da União, o que invalida as leis municipais que regulamentam os serviços profissionais de moto (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2007)

Meio a esse impasse, onde as contradições globais favorecem o aparecimento de novas atividades, cabe discutir o papel do Estado. Este, segundo Grau (1991) *apud* Ribeiro Filho (1997, p. 65), desde o declínio do capitalismo liberal, na passagem do século XIX para o século XX, intervém na economia estipulando políticas públicas com o objetivo de “enriquecer suas funções de interação, de modernização e de legitimação capitalista”. Em relação à tele-entrega no Brasil, podemos indicar dois indutores que associados à flexibilização do mundo do trabalho e à crescente demanda por serviços, estes potencializados por novos hábitos e maneiras de consumo (o *american way of life*), vão contribuir à expansão e consolidação desta atividade. A saber, a reestruturação e privatização da telefonia no Brasil, no final da década de 1990, e o recente incentivo à venda de motocicletas através da facilitação do crédito. No que tange a este último, Almeida (2007) declara:

Além dos fatores de logística que favorecem a venda de motos, o crédito farto, com prazos longos de pagamento e juros baixos, também funciona como incentivo. Segundo Cláudio Brasil, supervisor da concessionária Motocar, cerca de 70% das vendas são financiadas. O prazo de pagamento é de até 36 meses, e as taxas giram em torno de 2,2% ao mês. As motos de até 150 cilindradas estão entre R\$4,5 mil e R\$7 mil (ALMEIDA, 2007)

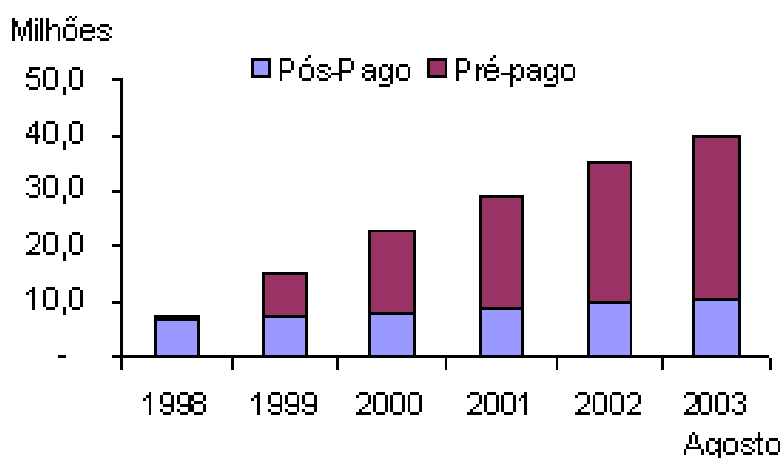
Conforme declarado pelo Ministério Público do Trabalho (2005), “O crescimento do número de motocicletas fabricadas no Brasil - 83 mil em 1993 para 1,3 milhão em 2004 - mostra que o lazer virou profissão com demanda crescente, mas o alto índice de acidentes e doenças profissionais evidencia a falta de regulamentação” da atividade. No caso das privatizações, a partir de meados da década de 1990 o Brasil passou por uma onda de desestatização de diversos serviços, dentre estes as telecomunicações. De acordo com Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2008), a partir de 1995, com o Governo Fernando Henrique Cardoso foi criado o Conselho Nacional de Desestatização (CND) tendo início uma nova fase da privatização, na qual os serviços públicos começaram a serem transferidos ao setor privado. Estes foram os setores elétrico, financeiro e as concessões das áreas de transporte, rodovias, saneamento, portos e telecomunicações. Em relação às telecomunicações, o que se seguiu foi o aumento da oferta do serviço e o conseguinte

acréscimo no número de usuários.

Em Viçosa, segundo Ribeiro Filho (1997), na década de 1925 a rede telefônica, a cargo da Companhia Telefônica Viçosense, era incipiente se comparada ao número das edificações. Quase três décadas depois, em 1950, Viçosa contava com uma população de 36588 habitantes e tinha apenas trinta e duas linhas telefônicas para atender a toda a cidade. Já em 2007, segundo a Teletime (2008), Viçosa, com população de 76145 habitantes⁶ possuía 20574 acessos fixos de telefone instalados.

Como é típico do processo de modernização nos países periféricos, a partir do ano 2000 aumentou consideravelmente o número de assinantes residenciais em todo Brasil. Contudo, demorou pouco até que a onerosa taxa da assinatura do fixo levasse cada vez mais usuários a optarem pelo pré-pago (celulares), conforme ilustra o gráfico a seguir.

1.1.1 FIGURA. COMPARATIVO DO CRESCIMENTO DA TELEFONIA FIXA E MÓVEL NO BRASIL – 1998 - 2003



Fonte: Teleco - Disponível in: <<http://www.teleco.com.br/comentario>>. Acesso: out. 2008

No caso de “democratização” da telefonia no Brasil se ilustra mais um típico caso de modernização imposta, ou com queima de etapas, onde o econômico prevalece sobre o social. A disponibilidade do serviço, prestado hoje em dia por diversas operadoras, contrasta com a baixa renda da população. De acordo com estudos do Grupo Telefônica (2002), que fez uma análise da possibilidade de expansão da “Sociedade da Informação” no Brasil:

⁶ Dados contidos no Atlas Brasileiro de telecomunicações, elaborado pela Teletime, 2008, p. 166.

Mais de 80% dos brasileiros dispõem de uma renda inferior a cinco salários mínimos e a metade nem sequer chega a dois. Se for considerado que, em abril de 2002, o salário mínimo estava em torno de R\$ 200 e um computador pessoal podia custar cerca de R\$ 2000, chega-se à conclusão de que mais da metade da população teria sérias restrições para comprar um PC. (TELEFÔNICA, 2002, p. 25).

Se por um lado este “apharteid digital” atravança as possibilidades das empresas da era da “Sociedade da Informação” se expandirem, por outro reforça o fato de estarmos inserido na periferia do capitalismo.

Mais uma vez vale recorrer a Henri Lefebvre (1999), quando este, ao nos propor noções metodológicas (níveis e dimensões) para a análise atual do fenômeno urbano, vai nos dizer que no nível mais abstrato, o Global (G), espaço institucional, o poder político dispõe de instrumentos tanto ideológicos quanto científicos que o permite distribuir recursos, rendimentos e “valores” criado pelo trabalho, pelo território. Segundo o autor, sendo o “neoliberalismo e o neodirigismo” as duas estratégias principais dos países capitalistas, o Estado age de forma a garantir o máximo de liberdade às empresas privadas, aos promotores imobiliários e bancos, ao passo que acentua, no domínio do urbanismo, a intervenção de especialistas e tecnocratas.

Contudo, “Sabe-se também que existem compromissos: o neoliberalismo deixa algum lugar ao ‘setor público’ e às ações concertadas dos serviços de Estado; o neodirigismo apenas prudentemente apodera-se do setor ‘privado’” (LEFEBVRE, 1999: 78). Estes, uma vez legitimados pelo Estado (neoliberal), se valem de estratégias para se imporem e permanecerem no poder (político e econômico) e se vêem livres para infligirem suas imagens particulares de tempo e espaço. Lefebvre (1999) ainda vai falar que é no nível Global (G) onde o Estado, enquanto vontade e representação de uma classe, contribui para a imposição da ideologia dominante. Assim, podemos entender a forma como as políticas de governo têm contribuído, direta ou indiretamente, para o surgimento e difusão de novas atividades.

Os homens de Estado têm uma concepção justificada do espaço (ou uma ausência da concepção que deixa o campo livre aos que propõem suas imagens particulares do tempo e do espaço). [...] O poder político dispõe de instrumentos (ideológicos e científicos). Ele tem capacidade de ação, podendo modificar a distribuição dos recursos, dos rendimentos, do “valor” criado pelo trabalho produtivo (ou seja, da mais-valia) (LEFEBVRE, 1999, p. 78).

Juntos, desemprego estrutural, expansão da telefonia fixa e móvel e facilidade crédito

para aquisição de motocicletas parecem ter sido condições essenciais à emergência e difusão da atividade da tele-entrega no Brasil. Deste modo, o empreendimento da tele-entrega parece refletir o que se presencia em outras partes do país. Atividade ligada à circulação no tecido urbano, se espalha impulsionada por trabalhadores “invisíveis”, criando e recriando um espaço-tempo paradoxal, quase indecifrável. E, mesmo que ainda não inteiramente descoberta e decifrada, pode, em parte revelar como no atual momento histórico do modo de produção capitalista a dominação no espaço e no tempo, através da reprodução do espaço e do tempo se faz fundamental no viver de vastos segmentos sociais em nossa sociedade, e na produção contemporânea do urbano no Brasil.

Capítulo 2

ANÁLISE DA ATIVIDADE DE TELE-ENTREGA EM VIÇOSA, MINAS GERAIS

Se no esforço de passar do econômico ao social, considerarmos que a prática da atividade empresarial e dos trabalhadores da tele-entrega imbrica espacialidades e temporalidades diversas e específicas veremos que esta prática parece configurar uma reprodução singular do espaço e do tempo, culminando em um novo momento de nosso peculiar processo de urbanização.

Desta forma, para entender a reprodução do trabalho e do espaço no atual momento de difusão da modernização procuramos não incorrer no erro de levada pela aparência caótica, fragmentária e homogeneizante do espaço e do tempo, no atual momento de difusão da modernização capitalista, pensar Viçosa (esse lugar, na periferia do “mundo globalizado”) sem considerar suas especificidades. Pois, tal erro nos levaria, falsamente, a velar o conteúdo socioespacial imbricados na prática desta atividade, tornando-a apenas mais uma dentre tantas outras que surgiram graças ao processo de modernização.

Em um primeiro momento, buscamos através da descrição das características das empresas e do trabalho do empreendimento da tele-entrega em Viçosa, em relação à incorporação tecnológica, relação empregadores – empregados, localização dos empreendimentos, características dos usuários, descrição dos produtos mais solicitados, etc., elementos que ajudassem a compreender a reprodução do trabalho e do tempo de vários segmentos sociais em curso. Juntos, a descrição, a localização e a espacialização

dos dados possibilitaram apreender as espacialidades resultantes desta prática.

2.1. Gênese e características das empresas de tele-entrega

As empresas de prestação de serviço de tele-entrega em Viçosa surgem da iniciativa de ex-trabalhadores do ramo de comércio e de serviços que desempenhavam atividades de contato direto com o consumidor. A primeira empresa de tele-entrega (“E”) em Viçosa surgiu há quinze anos, em 1993, quando um viçosense proprietário de uma pequena distribuidora de cerveja começou a fazer entregas em domicílio; vendo potencialidade para o negócio o mesmo contratou mais funcionários e aos poucos foi se especializando em entregas e no serviço de motoboy. Hoje em dia a empresa, localizada na área central, é uma das duas maiores empresas de prestação de serviço de tele-entrega em Viçosa, possuindo quinze funcionários.

Das empresas levantadas, a segunda mais antiga (“F”) surgiu em 2000, tendo, portanto, oito anos. Seu proprietário, que desempenhava a atividade de garçom em bares e restaurantes da cidade, resolveu abrir seu próprio negócio e começou a preparar e vender lanches em sua casa e entregá-los em domicílio. Atualmente, a empresa que ainda funciona na casa do empregador, em um bairro próximo ao centro, tem cinco funcionários, além do empregador (que ocupa todos os postos de trabalho dentro da empresa) e sua esposa. Na pesada rotina dos trabalhadores desta empresa a jornada mais longa fica a cargo do empregador e de sua esposa. Das oito horas da manhã às dezoito horas dois empregados e o empregador trabalham como motoboys, das dezoito às vinte e quatro horas, além do serviço de motoboy realizado por três funcionários, o empregador “trabalha na chapa”, preparando sanduíches. Quando o movimento aperta e os pedidos tornam-se muitos, a esposa do empregador (que entre um afazer doméstico e outro cuida dos dois filhos pequenos, atende ao telefone e anota os pedidos), assume a chapa de sanduíches e seu esposo passa a ajudar seus funcionários na entrega.

A empresa “D”, a outra das duas maiores do serviço de tele-entrega em Viçosa, surgiu em 2001 da iniciativa de um ex-bancário viçosense que ao sair do emprego comprou e ampliou uma pequena tele-entrega localizada no mesmo bairro onde reside, na saída norte de Viçosa, e o ampliou. Hoje a empresa conta com quatorze funcionários, além da “mãozinha”, como dizem, do irmão e da mãe do proprietário.

As empresas “B” e “C” surgiram em 2003, portanto, há cinco anos. A primeira nasceu da iniciativa de uma ex-técnica em enfermagem que, possuindo um imóvel

próprio em um bairro próximo ao centro, resolveu se empreender em um negócio junto com seus dois filhos. Além do trabalho destes, três rapazes fazem o serviço de motoboy.

A empresa “C” surgiu da iniciativa de um ex-auxiliar de escritório que trabalhava na UFV. Conforme declarou o interlocutor: “duas pessoas informais bolaram o negócio e resolveram investir no *disk- cerveja*, daí eu entrei como sócio”. Hoje, a empresa que se localiza na entrada de um bairro situado próximo ao centro tem sociedade com seu irmão e conta com dois motoboys, sendo um deles seu primo.

As empresas “A” e “G” surgiram há quatro anos, em 2004. A primeira desmembrada de um *tele-gás*, após o rompimento da sociedade entre irmãos; e a segunda da iniciativa de um ex-carteiro que resolveu abrir um tele-água e gás em um cômodo geminado à sua casa, localizada em um bairro bem próximo ao centro. A empresa “A” conta com apenas dois funcionários, uma atendente e um motoboy; seu proprietário não ocupa nenhum posto de trabalho na empresa, pois desempenha outras atividades do ramo de comércio. Já na empresa “G” seu proprietário desempenha a função de atendente e emprega quatro motoboys.

2.2. Características dos empregadores e trabalhadores do serviço de tele-entrega

As entrevistas revelaram que a atividade de tele-entrega em Viçosa é exercida predominantemente por pessoas do sexo masculino. A faixa etária dos empregadores varia de 26 a 45 anos, todos possuem o Ensino Fundamental completo, sendo três os que não possuem o Ensino Médio. Em apenas um caso, na empresa “B”, a proprietária da tele-entrega é do sexo feminino e em apenas uma empresa, na “A”, há uma funcionária (do sexo feminino) contratada. Na empresa “F” a esposa do proprietário, segundo declaração deste, o ajuda quando “o movimento aperta” e na empresa “D” a mãe do proprietário, sempre que necessário, lhe dá uma “forcinha”, como assim este declara.

Em quase todas as empresas, exceto nas “A” e “E”, coexistem emprego da mão-de-obra contratada com mão-de-obra familiar, em uma condição que se assemelha às verificadas por Lelis e Borges (2008), quando estes abordaram a dinâmica socioeconômica e espacial do comércio informal em Viçosa:

O setor informal é intensivo em força de trabalho, usando formas não-capitalista de produção, e é altamente flexível, estando longe de ser

burocrático ou racional e é, segundo alguns autores, uma forma de precarização do trabalho e das condições de vida dos despossuídos de formas de produção e de emprego (LELIS ; BORGES, 2008, p. 14).

Para David Harvey (2004, p.145), que analisou as diferentes formas de processo de trabalho e organização da produção nos Estados Unidos após a década de 1980, o trabalho familiar retorna como uma característica do atual momento de flexibilização do modo de produção capitalista e representa um retrocesso em relação aos direitos trabalhistas alcançados pela classe trabalhadora. Na atividade da tele-entrega em Viçosa o trabalho de familiares é relevante mesmo onde o número de funcionários não-familiares é maior. São irmãos, filhos, esposas e primos. Os primeiros desempenhando, quase sempre, tarefas complementares à “gerência” da empresa e os últimos a atividade de motoboy. Contudo, nem sempre o dispêndio da força de trabalho do membro da família é levado em conta, principalmente em se tratando das mulheres. A fala do interlocutor da empresa “D” ilustra bem o fato: “minha mãe dá uma mãozinha quando estou apertado”. Este “dar uma mãozinha” na maioria das vezes não leva em conta as demais atividades desempenhadas pelas mulheres. Para estas, no caso da empresa doméstica ou daquelas cuja localização é próxima à casa do empregador, ao trabalho na empresa se somam aos afazeres do lar.

Para Harvey (2004), o maior problema do retorno de antigos modos de trabalho se deve ao fato da dificuldade de, no âmbito familiar, haver possibilidade de organização dos trabalhadores. Se no âmbito da fábrica havia possibilidade de organização da classe, em sindicatos, por exemplo, isto se torna quase impossível em casos de trabalhos familiares e domésticos: “Os sistemas paternalistas são territórios perigosos para a organização dos trabalhadores [...] a consciência de classe já não deriva da clara relação de classe entre capital e trabalho, passando para um terreno mais confuso dos conflitos interfamiliares” (HARVEY, 2004, p. 145). Aliado a estas características, soma-se, no caso da tele-entrega em Viçosa, o desconhecimento ou até mesmo a negligência do empregador em relação aos direitos trabalhistas de seus empregados. Fato que aqui é agravado, além da presença do trabalho familiar, pela relação de *pessoalidade*, que impera na relação entre empregadores e empregados.

Quanto aos funcionários, suas idades compreendem 19 a 38 anos. A maioria ingressou na atividade sem experiência profissional ou advindos de empregos que exigem baixa qualificação. Dentre as atividades já desenvolvidas por eles foi possível identificar: ajudantes da construção civil, ajudantes em oficina mecânica, ajudantes em

loja de antenas, trabalhadores do comércio varejista. Dois dos quarenta e sete funcionários, das sete empresas abordadas, desenvolvem outra atividade concomitante ao trabalho na tele-entrega, ambos em supermercados. A maioria desses trabalhadores só concluiu o Ensino Fundamental e todos nasceram em Viçosa.

TABELA 2.2.1. FAIXA ETÁRIA DOS TRABALHADORES DAS EMPRESAS DE TELE-ENTREGA EM VIÇOSA E NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS POR EMPRESAS PESQUISADAS

EMPRESAS	NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS	FAIXA ETÁRIA (ANOS)
A	2	30 a 36
B	5	19 a 29
C	2	28 a 38
D	14	19 a 33
E	15	22 a 26
F	5	21 a 32
G	4	22 a 29

Fonte: Informações levantadas em campo, 2008. Elaborado pela autora (2008)

Enquanto Lelis e Borges (2008) revelam que os trabalhadores do comércio informal em Viçosa estão, em sua maioria, na faixa etária dos 30 a 80 anos, a tele-entrega, considerando as empresas aqui analisadas, tem a característica de empregar homens mais jovens. Certamente, no caso dos trabalhadores motoboys, o intenso uso do corpo é um condicionante à idade, como revela Diniz (2003) ao constatar que o quadro de funcionários de “empresas de frete rápido” em Belo Horizonte e Uberlândia são preenchidos, sobretudo, por homens jovens. Segundo este autor, a preferência por pessoas mais jovens é explicada pelo “maior rendimento” do trabalho dos jovens nesta profissão que exige velocidade e, a todo tempo, disposição para enfrentar riscos.

Se observarmos a tabela abaixo, elaborada pelo Sistema Nacional de Emprego – SINE, em Viçosa (2008), veremos que foram as pessoas mais jovens quem mais tentou entrar ou se reinserir no mercado de trabalho nos anos de 2005 e 2006. Considerando as características etárias dos trabalhadores da atividade de tele-entrega, nas empresas abordadas (mas ressaltando que na tabela do SINE estão incluídos homens e mulheres), podemos inferir que a depender da disponibilidade de mão-de-obra jovem, haverá uma tendência crescente de ingresso nesta atividade.

TABELA 2. 2. 2

Relação dos Cadastrados no SINE Viçosa, Janeiro de 2005 a Julho de 2006					
FAIXA ETÁRIA					
Nascido em	n°	%	Nascido em	n°	%
1986	114	8,33%	1966	17	1,24%
1985	95	6,94%	1962	15	1,10%
1982	91	6,65%	1968	14	1,02%
1987	89	6,51%	1959	14	1,02%
1984	86	6,29%	1965	13	0,95%
1981	81	5,92%	1960	13	0,95%
1983	75	5,48%	1961	10	0,73%
1980	72	5,26%	1958	10	0,73%
1978	58	4,24%	1957	10	0,73%
1979	53	3,87%	1952	10	0,73%
1977	45	3,29%	1954	9	0,66%
1988	41	3,00%	1956	8	0,58%
1976	40	2,92%	1949	8	0,58%
1974	38	2,78%	1955	7	0,51%
1973	33	2,41%	1989	5	0,37%
1975	31	2,27%	1951	4	0,29%
1971	31	2,27%	1950	4	0,29%
1972	26	1,90%	1953	3	0,22%
1970	26	1,90%	1946	2	0,15%
1964	23	1,68%	1943	1	0,07%
1969	20	1,46%	1936	1	0,07%
1967	20	1,46%	ND	1	0,07%
1963	18	1,32%			
			TOTAL	1385	100,00%

Fonte: SINE Viçosa (2008). Disponibilizada à autora durante pesquisa de campo.

Assim, a atividade da tele-entrega, pela pouca exigência em relação à qualificação, se revela como sendo um importante meio de inserção da classe-que-vive-do-trabalho no atual cenário do trabalho em Viçosa. Contudo, dada as condições de seus trabalhadores, esta se mostra como sendo uma forma precária de trabalho para homens, jovens, de baixa escolaridade e pouca qualificação.

2.3. “Tem que ter boa procedência e ser honesto” - a inserção dos trabalhadores na atividade de tele-entrega

A forma predominante de entrada dos trabalhadores na tele-entrega está intrinsecamente relacionada ao que é conhecido por “rede de sociabilidade”. Sempre

que uma nova vaga se abre esta é preenchida por algum trabalhador indicado por um motoboy da empresa. Segundo declaração dos empregadores, a atividade desempenhada pelos motoboys exige contato direto com clientes, quase sempre em ambientes residenciais, tal fato exige que os funcionários escolhidos tenham “boa procedência” e sejam “honestos”. Ainda, conforme alega um dos interlocutores, proprietário da empresa “C”: “aparecem muitos se oferecendo pra trabalhar, mas poucos são de confiança”. No que tange ainda às exigências para com os empregados, a “boa aparência” e “a educação no trato com os clientes” foram requisitos citados por cinco entrevistados, ao lado da exigência da Carteira Nacional de Habitação.

Ainda em relação à relevância das redes de sociabilidade dentro das relações estabelecidas na atividade de tele-entrega, o mesmo se verifica entre empregadores e clientes jurídicos. A antiga profissão exercida pelo atual empregador da tele-entrega funciona como porta de entrada para este ampliar sua clientela. Por exemplo, o proprietário da empresa “D”, um ex-bancário, presta serviços a bancos e a filiais de algumas empresas sediadas em Viçosa. O ex-garçom, dentre todos os entrevistados, é o que mais presta serviços a restaurantes, bares e lanchonetes. Já o empresário que trabalhou na UFV hoje presta serviços a diversas áreas desta Instituição. Associado a isso, o conhecimento para executar uma tarefa, adquirido no emprego anterior, parece implicar não só na forma de relacionamento da empresa com seus clientes, mas também na própria organização da rotina de trabalho.

Aqui, mais uma vez, cabe ressaltar a diferença do empregador da empresa “D”, um ex-bancário, em relação aos demais proprietários das empresas analisadas. Este, diferente dos outros, durante a entrevista utilizou vários termos que indicam maior inserção no *mundo modernizado*: “*software*”, “*back up de arquivos*”, além de falar com desenvoltura sobre os procedimentos legais para se abrir uma empresa prestadora do serviço de tele-entrega e sobre as taxas e os impostos que lhes é cobrado.

A prestação de serviços a pessoas jurídicas (empresas, bancos e instituições) dentro e fora de Viçosa é outro diferencial da empresa “D” e se explica pelo fato desta ser a única a possuir a nota fiscal “Série A”, exigida a empresas prestadoras de serviço. Além de transportar documentos para diversas empresas da cidade, é a única que presta serviço para os hospitais de Viçosa quando, em caso de urgência e emergência, é preciso buscar sangue para transfusão. Neste caso, a empresa possui uma moto mais potente reservada para viagens longas. A caixa térmica onde são transportadas as bolsas de sangue é cedida pelo hospital.

Entretanto, até mesmo a empresa “D”, com todos estes atributos que a diferencia das demais, ainda se prende às redes de sociabilidade quando da contratação de um novo funcionário. Interrogado sobre a forma como contrata seus trabalhadores, o dono da empresa respondeu: “Tenho uma agenda onde anoto pedidos de emprego. A pessoa tira a carteira e pede emprego, aí quando abre uma vaga eu chamo pra fazer um teste”.

Prática comum não só na contratação de trabalhadores da tele-entrega, um funcionário do SINE Viçosa afirmou que as “redes de sociabilidade” são comuns no ramo de serviços em Viçosa. Segundo este, além de pesar o fator “confiança”, pois a prestação de serviços quase sempre implica no contato direto do empregado com o cliente, a situação de ilegalidade da maioria das empresas ou de profissionais prestadores de serviços, neste ramo de atividade, os inibem de procurarem funcionários no balcão do Sistema. Pois, como este é ligado ao Ministério do Trabalho e do Emprego, estes estariam vulneráveis à fiscalização acaso entrassem para os cadastros.

2.4 . “O sonho do empreendedor”

Quais motivos teriam levado essas pessoas, atuais donas das empresas de tele-entrega em Viçosa, a deixarem seus empregos entre os anos 2000 a 2004, para trabalharem por conta própria? O economista Manoel Malaguti (2000) em seu livro “Crítica à Razão Informal”, nos fornece elementos para a resposta ao falar sobre o “espírito empreendedor” que tomou conta dos trabalhadores brasileiros, sobretudo a partir da década de 1990. Para o autor, a motivação central para os trabalhadores se empreenderem decorre menos da vontade de “trabalhar por conta própria” do que de ser esta “uma única possibilidade de escapar do desemprego ou dos salários degradados: impedidos de se realizarem como assalariados, ‘o jeito é’ tornar-se pequeno patrão ou trabalhar por conta própria” (MALAGUTI, 2000, p. 91).

David Harvey (1994, p. 179) também nos ajuda a esclarecer a questão. Segundo o geógrafo, sendo sempre a “desvalorização da força de trabalho a resposta instintiva dos capitalistas à queda de lucros”, no advento da “acumulação flexível” as ideologias de “empreendedorismo, paternalismo e privatismo” vão funcionar como estratégias do capitalismo que assim se retira de suas responsabilidades pelas desigualdades sociais, transferindo aos trabalhadores toda a responsabilidade pelos seus insucessos. Ainda, para o autor, o papel das novas tecnologias, ao acelerarem a passagem para o setor de serviços, contribui ao aumento do fosso entre as camadas privilegiadas, técnicos de alta

remuneração, chamados por ele de “a nova aristocracia do trabalho”, e a “sub-classe mal remunerada”, maior parte a quem só resta a venda (barata) da força de trabalho. Neste sentido, parece que a prestação de serviços se apresenta como a nova, e talvez a única forma dos trabalhadores sobreviverem no atual momento histórico do processo da acumulação do capitalismo.

Ainda de acordo com o economista Manuel Malaguti (2000), o ideário de que trabalhar por conta própria é o melhor negócio, sinônimo de liberdade e realização pessoal, não passa de falsos valores difundidos pela mídia (como exemplo o autor cita o programa Pequenas Empresa e Grandes Negócios, exibido pela rede Globo de Televisão nas manhãs de domingo) de modo a legitimar a política neoliberal e autoritária criadora do Plano Real e do desmonte do trabalho formal no Brasil. Para o autor, a pequena e a micro empresa desempenham hoje um papel social que lhes foram delegadas pelas elites, tratando-se, portanto, de uma opção política.

Neste sentido, a grande rotatividade dos motoboys nas empresas, em média dois anos, nos indica que a atividade da tele-entrega em Viçosa é, hoje em dia, uma porta de entrada para jovens do sexo masculino se inserir no mercado de trabalho, revelando não apenas a precariedade do trabalho desenvolvida por estes sujeitos, mas reforçando o fato do “sonho do empreendedor” ser ponto marcante do atual momento de reprodução do trabalho em Viçosa.

Segundo interlocutores das empresas “C”, “D” e “G”, a atividade é buscada por jovens com baixa escolaridade que procuram o primeiro emprego ou por aqueles que querem migrar para um serviço “menos pesado”, como uma alternativa à construção civil, por exemplo. Também, para quem perdeu o emprego, ingressar nesta atividade parece ser uma crescente tendência.

Depois de adquirirem experiência, muitos trabalhadores da tele-entrega passam a trabalhar por conta própria, utilizando telefone celular ou residencial, prestando o serviço a pessoas físicas ou aos diversos estabelecimentos comerciais em Viçosa. A partir daí, evidencia-se claramente o cenário de *informalidade*, sendo difícil contabilizar quantos trabalhadores em Viçosa estão desempenhando esta atividade atualmente.

Esta forma precária e periférica de empreender se dá meio a conflitos que parecem escamotear a situação precária de trabalho na qual estão submetidos tanto os que se empreenderam quanto os que querem se empreender. Para os entrevistados, a facilidade em se adquirir uma motocicleta e a falta de controle por parte do poder público municipal são fatores que contribuem ao aumento do número de “motoboys

clandestinos”, como assim os intitularam alguns dos interlocutores, dono de empresas que também se encontram às margens da legislação. Segundo o proprietário da empresa “F”: “Todo mundo que perde o emprego coloca a moto na rua e fala que é motoboy”; já a interlocutora (funcionária) da empresa “A” vê na facilidade de ingresso na atividade o maior desafio aos empresários: “qualquer um pode ser motoboy, só tem que ter carteira e moto”.

A possibilidade do funcionário de hoje se tornar o concorrente de amanhã ameaça os empresários e contribui para o reforço da precarização das condições de trabalho na atividade de tele-entrega em Viçosa. Tal fato evidencia-se na situação relatada pelo proprietário da empresa “C”, segundo declarações deste, no ano de 2007 houve uma movimentação de alguns trabalhadores da tele-entrega, funcionários de empresas e autônomos, cobrando maior atenção do poder público. Contrário ao movimento, o interlocutor disse que não os apoiou porque havia “trabalhadores ilegais” que não mereciam a mesma atenção que “os legalizados”.

Para o empregador da empresa “D”, os motoboys “clandestinos” disputam o mercado em condições de desigualdade. Por não arcarem com as obrigações legais, podem cobrar menos pela taxa de serviço, de R\$ 2,00 (dois reais) a R\$2,50 (dois reais e cinquenta centavos), enquanto as empresas “legalizadas” cobram R\$ 3,00 (três reais). Entretanto, para compensar a menor margem de lucro, esses têm que “rodar mais e saem correndo pelo trânsito, colocando em risco a vida de outras pessoas e contribuindo pra fama de mal educado que os motoboys levam”, assim declara o empresário. Este, ao mostrar comprovante de registro de sua empresa, opina sobre os motivos da proliferação da ilegalidade nesta atividade culpando o poder público, em suas várias instâncias, por colocar um encargo maior sobre os trabalhadores que mesmo pagando todos os impostos não vêem retorno. Em contrapartida, o interlocutor gostaria de ver os impostos pagos serem empregados em cursos de capacitação para os motociclistas profissionais e melhoria do trânsito. Acreditando na expansão desta atividade em Viçosa e se dizendo preocupado com o que poderá se tornar esta atividade, o mesmo declara: “Eu ganho dinheiro com isso e eles também, agora legalizar o negócio poucos fazem”.

No que diz respeito ao salário dos motoboys, em apenas um caso, na empresa “D”, o empregador disse que seus funcionários são registrados de acordo com a categoria que lhes cabe, motociclista profissional, com piso salarial de R\$ 600,00. Na empresa “C” o empregador não soube responder a respeito dos direitos concernentes aos motoboys e alegou pagar um salário mínimo e meio por mês a seus funcionários, que

antes recebiam por entrega.

Na empresa “B” a empregadora não soube dizer sobre a categoria na qual se enquadram seus funcionários e, em relação ao salário mensal que paga a eles, esta declarou: “Só sei que o salário é diferenciado, acho que é um salário e pouco, mas entrego tudo nas mãos da contadora e deixo ela resolver essas coisas”.

Nas empresas “A” e “E” os interlocutores, funcionários, não souberam informar detalhes sobre o cumprimento das leis trabalhistas por parte das empresas nas quais trabalham. Na empresa “A” a funcionária disse apenas que ela e o outro funcionário possuem carteira assinada e recebem um pagamento mensal de “um salário e pouco”. Na empresa “E” os funcionários também possuem carteira assinada, mas recebem por entrega. Os proprietários das empresas “F” e “G”, as únicas que não possuem nenhum registro formal, não assinam a carteira de seus empregados e os pagam por entrega.

Em relação à segurança no trabalho, apesar de em algumas empresas os motoboys trabalharem uniformizados, com camisas que identificam a empresa, em nenhuma delas foi verificado o uso de roupas próprias (de couro), nem antenas de segurança nas motos, só para citar dois dos itens de segurança exigidos aos condutores de motocicleta.

Em relação à jornada de trabalho, em todas as empresas há empregados com jornada diária superior a oito horas, conforme pode ser visto a seguir (Tabela: 2.4.1). Quase todos os empregadores das empresas de tele-entrega encontradas (exceto o da empresa “A”, que segundo sua funcionária não ocupa nenhum posto de trabalho na empresa,) trabalham mais de oito horas por dia. O caso extremo é do empregador da empresa “F” que trabalha dezesseis horas por dia, de segunda a segunda.

TABELA: 2.4.1. JORNADA DOS TRABALHADORES⁷ DA TELE-ENTREGA EM VIÇOSA, MINAS GERAIS - 2008

Empresas	Dias da semana	Jornada (n° horas - dia e noite)
A	Seg. a Sab.	11
B	Seg. a Seg.	10 e 8
C	Seg. a Seg.	10 e 8
D	Seg. a Seg.	10 e 8
E	Seg. a Seg.	10 e 8
F	Seg. a Seg.	10 e 6
G	Seg. a Seg.	10 e 8

Fonte: Dados levantados em campo e elaborado pela autora (2008).

⁷ Não inclui jornada dos patrões.

2.5. Rotina e organização do trabalho

A velocidade, grande mote de todas as empresas, não está ligada somente ao desempenho dos motoboys no trânsito, mas também à capacidade destas em organizarem suas tarefas de modo a atenderem um maior número de clientes em um curto período de tempo. Deste modo, um quadro comparativo dos aparatos tecnológicos usados pelas empresas pode nos indicar o grau de modernização de cada uma delas.

TABELA 2.5.1. GRAU DE MODERNIZAÇÃO DAS EMPRESAS DE TELE-ENTREGA EM VIÇOSA - COMPARAÇÃO DOS ELEMENTOS TÉCNICOS INCORPORADOS À ROTINA DE TRABALHO

GRAU	EMPRESAS	CARACTERÍSTICAS (POR EMPRESA)
MAIOR	D e E	3 ou 4 linhas telefônicas; 2 computadores; registro digital dos pedidos; mais de 5 motos próprias; mais de 10 funcionários, 1 caminhonete
MÉDIO	B e C	2 linhas telefônicas; 1 computador; registro de pedidos ora feito manual, ora digital; 3 a 4 motos próprias; 5 a 4 funcionários.
BAIXO	A, F e G	1 linha telefônica; não fazem uso de computador; não disponibilizam moto para seus trabalhadores; 2 a 5 funcionários.

Fonte: Dados coletados em campo (2008). Elaborado pela autora (2008).

Entre uma empresa de tele-entrega e outra a organização e a rotina de trabalho mostrou ser pouco variável. Em todas elas, apesar de não serem rigidamente fixados, os principais postos ocupados são: atendente de telefone e controlador de caixa (atende ao telefone, anota pedidos e controla o fluxo de entregas), desempenhado exclusivamente pelos donos das empresas ou por um familiar próximo (esposo, esposa ou irmão); serviço do motoboy (entrega de mercadorias ou prestação de serviços a pessoas físicas e jurídicas), desempenhado pelos empregados e, somente neste caso, pelo empregador da empresa “F”. Nas empresas onde há uma pequena mercearia, “E”, “B” e “D”, o atendimento aos clientes é feito pelos proprietários do negócio e também pelos motoboys, enquanto estes esperam por uma chamada.

Em relação ao horário de funcionamento, na maioria dos estabelecimentos, “C”, “D”, “E”, “F”, “G”, o expediente de trabalho vai das sete ou oito horas da manhã até as vinte e quatro horas. Na empresa “B” o expediente começa às oito da manhã e termina por volta das vinte e duas horas; na empresa “A” o trabalho começa às oito horas da manhã e termina às dezenove horas. Exceto esta última, que funciona de segunda a sábado, todas as demais funcionam de segunda a segunda.

O número de linhas telefônicas está relacionado diretamente à capacidade de as empresas atenderem a mais clientes em um curto período de tempo. As empresas com maior disponibilidade de linhas telefônicas possuem mais funcionários e disponibilizam mais produtos para entrega. Nestas, o registro digital do pedido, potencializa o trabalho do atendente. Na empresa “D” ainda há um *software* que permite localizar o endereço de onde estão sendo geradas as chamadas. Com isso, é potencializado o contato entre atendente e motoboy; além de poder controlar o estoque de produtos e o tempo de espera do cliente, entre uma chamada e outra.

Nas empresas de *maior grau de modernização* o ritmo de trabalho é mais intenso. Nestas, durante as entrevistas, por várias vezes os interlocutores tiveram que parar para atender aos clientes ou solucionar algum problema.

Nas empresas aqui classificadas como sendo de *médio grau de modernização* há computadores, mas seus proprietários demonstraram preferência em não usá-los, mesmo sendo possível tirar as notas de pedidos por via digital, eles preferiram fazê-lo à mão. Ao falar sobre a rotina de trabalho, a proprietária da empresa “B” declarou: “o computador eu uso pouco, demora muito”.

Nas empresas de *baixo grau de modernização* os pedidos nunca são anotados em via digital e cada uma delas possui uma única linha telefônica para fazer o atendimento aos clientes. Em todas as empresas o celular é usado na comunicação entre patrão e funcionários. Fato que na empresa “D” evita que os motoboys tenham sempre que retornar à empresa a cada prestação de serviço. Ao receber a solicitação da prestação de um serviço, quando este não é acompanhado da comercialização de mercadorias da empresa, imediatamente o atendente o passa para o motoboy que está na rua, evitando que este tenha que se deslocar novamente até a empresa.

De todas as empresas, a “D” é na qual o tempo do relógio parece ser calculado de forma mais sistemática e as ações dentro da empresa pensadas de forma a minimizar o tempo de espera dos clientes. Contudo há elementos comuns a todas as empresas, independente do grau de modernização ao qual foram classificadas.

A atenção à toponímia dos lugares e ao modo como os interlocutores referenciam os bairros nos fornece elementos que dá indícios de que em todas as empresas a relação socioespacial se baseia no lugar da experiência, tendo como referência o espaço de vizinhança, o familiar. Ao serem indagados sobre o local de moradia de seus funcionários ao invés dos nomes instituídos legalmente foram citados os nomes *antigos*: “Laranjal” (São Geraldo), “Amoras” (Arduino Bolívar), “Grotta dos Camilos” (Inácio Martins). Para a localização do endereço dos clientes na malha urbana, em nenhuma empresa são usados mapas cartográficos ou guias de rua. Análise do texto de algumas comandas fornecidas pela empresa “D” revelam, em suas anotações adicionais, que pontos referenciais familiares, como a casa de pessoas ou uso de apelidos na identificação de clientes, são recursos usados pelos trabalhadores da tele-entrega quando da localização de algum endereço.

2.6. Os usuários e as mercadorias da tele-entrega

Uma análise das principais mercadorias comercializadas pelas empresas de tele-entrega revela o perfil dos usuários. Em quase todas elas, exceto na empresa “A”, a cerveja é uma das mercadorias mais solicitadas à entrega; tanto é que as empresas “B”, “C”, “E” e “G” trazem em destaque nos seus panfletos de propaganda os termos *Disk-Cerveja* ou *Tele-Cerveja*. As empresas mais capitalizadas “B”, “C”, “D” e “E”, além da cerveja oferecem gelo, cadeiras e mesas para aluguel.

O empresário “G”, quando da entrevista, acabava de incorporar a cerveja como mais um produto para venda em sua empresa. Segundo ele, que até poucos dias antes da entrevista só comercializava água e gás, além do serviço de motoboy, a justificativa para a ampliação de seu negócio trata-se ao fato de, hoje em dia, oferecer tal produto em Viçosa é uma estratégia quando se quer conquistar o vasto público universitário: “Por enquanto é a população que mais pede mesmo, espero com a cerveja conquistar esse outro público” (proprietário da empresa “G” ao falar sobre os usuários).

Coincide com a data de surgimento da maioria das empresas de tele-entrega em Viçosa, de 2000 a 2004, o aumento da população flutuante, sobretudo devido ao incremento nas atividades das Instituições de Ensino Superior e Médio, pública e privadas, aqui instaladas. De acordo com dados da Comissão Permanente de Vestibular e Exames da UFV (2008), dos anos 2000 a 2002 tiveram início onze cursos de

graduação na Universidade (no campus Viçosa), cada um responsável, em média, pelo incremento de cinquenta alunos ao ano. Ou seja, podemos contar pelo menos quinhentos e cinquenta alunos a mais só na UFV. Sendo preciso incluir aqui os demais alunos ingressos nos cursos recém-criados pela FDV, ESUV, UNIVIÇOSA e que vivem em Viçosa nas mesmas condições que a maioria dos estudantes a UFV.

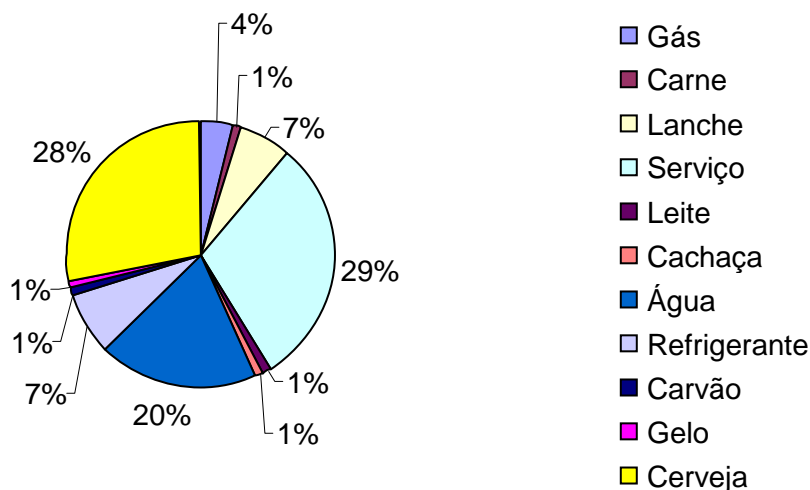
Estudos desenvolvidos por Lessa et al (2008), indicam que o *mercado da festa em Viçosa* vem crescendo e se tornando cada vez mais capitalizado, potencializado pela população jovem que, submetida ao *tempo programado dos lazers*, procura cada vez mais por essas atividades. Por outro lado, o *momento de não trabalho* de muitos é a *condição de trabalho* de outros que encontram na prestação destes serviços uma maneira de sobrevivência. Garçons, seguranças, cozinheiras, catadores de material reciclável e, também, podemos acrescentar, empresários e trabalhadores da tele-entrega parecem ter neste tipo de consumidores, jovens universitários, o alvo para a *venda de produtos para festa*.

Poderíamos ainda, de acordo com o calendário universitário, traçar a periodicidade das mercadorias vendidas por essas empresas em Viçosa. Segundo os interlocutores, nos fins de semana de períodos letivos é maior a comercialização de bebidas, ao passo que nos dias de semana e períodos sem aula ganha maior relevância o serviço de motoboy, mais demandado pela população com domicílio fixo e empresas locais.

A figura mostrada a seguir sintetiza a análise de quase duzentas comandas⁸ da empresa “D”, referentes a um período em que não havia aulas nas Instituições de Ensino em Viçosa, julho de 2005 e janeiro-fevereiro de 2006. Vemos, se levarmos em conta o que fora apontado pelos interlocutores e apresentado anteriormente, uma pequena variação nos tipos de produtos solicitados, tendo sido a venda do serviço do motoboy ligeiramente maior que a comercialização de cerveja, água e gás, para citar os quatro produtos mais solicitados pelos usuários da tele-entrega.

⁸ Tratam-se de fontes secundárias trabalhadas pelo GEP em 2008 quando da pesquisa do serviço do motoboy.

FIGURA 2.6.1. PRODUTOS COMERCIALIZADOS PELA EMPRESA DE TELE-ENTREGA “D”, JULHO DE 2005 E JANEIRO A FEVEREIRO DE 2006



Fonte: Dados cedidos pela empresa “D” em 2006. Tratamento dos Dados PINHEIRO, Carolina e HONÓRIO, Letícia de Melo (2008). Elaboração HONÓRIO, Letícia (2008).

Rodrigues, Gomes e Dias (2007), também nos ajudam a compreender os possíveis elementos responsáveis pelo desencadeamento do serviço de tele-entrega em Viçosa ao revelarem as mudanças no padrão de consumo das famílias viçosenses, na última década e meia. No artigo “Mudanças no Padrão de Consumo alimentar em Viçosa - MG” (2007) alegam que a estabilização dos preços dos alimentos e as mudanças sócio-econômicas que ocorreram no Brasil após o Plano Real (lançado em 1994) favoreceram o planejamento familiar e levaram a uma recomposição na cesta de consumo alimentar. Com o índice inflacionário controlado “O brasileiro optou por parcelar mais suas compras, sem a necessidade de realizar estoques ou aquisições para períodos mensais ou quinzenais (CYRILLO *et al.*, 2003 apud RODRIGUES *et al.*, 2007, p. 3). A isto se soma as mudanças no perfil das famílias, com maior ingresso das mulheres no mercado de trabalho, o que em parte abriu margem para o consumo de produtos alimentícios semi-processados, de rápido preparo. Para estes autores, essa mudança no comportamento dos consumidores a partir da segunda metade da década de 1990 foi uma tendência nacional, mas que em Viçosa se apresentou de forma mais acelerada:

As mudanças nos hábitos de consumo dos brasileiros, ocorreram em um ambiente de redução significativa no crescimento populacional. Contudo, essa dinâmica populacional verificada em quase todo o país não ocorreu em Viçosa. Segundo dados dos últimos Censos Demográficos realizados pelo IBGE, a população de Viçosa vem crescendo, nos últimos anos, a uma taxa de 3,08% ao ano (RODRIGUES *et al.*, 2007, p.3).

Neste sentido, e considerando que a entrega em domicílio é uma atividade que se intensifica também a partir deste período de reestruturação econômica no Brasil, reafirma-se a idéia de que em Viçosa o contato com “os de fora”, pessoas que para vem em busca, sobretudo, dos serviços educacionais ou das outras atividades a eles relacionados, são importantes agentes do processo de modernização da sociedade local, imprimindo novas formas de reprodução do espaço e do tempo, através da demanda de novos e efêmeros modos de consumo em meio à manutenção parcial dos antigos.

2.7. “Modernização anômala”

O termo “modernização anômala” é empregado pelo sociólogo José de Souza Martins e se refere ao modo atípico como elementos da modernização chegam ao Brasil. Ainda Martins (1997), em seu livro “Exclusão Social e a Nova Desigualdade”, ao questionar o termo “exclusão social” nos esclarece que dentro da lógica de acumulação capitalista não há uma relação excluídos X incluídos, mas sim uma nebulosa relação entre inclusão (para alguns) X “inclusão precária e instável, marginal” (para a maioria dos sujeitos sociais).

Um exemplo de inclusão marginal ocasionado pela nossa “modernização anômala” nos é dado por José de Souza Martins (1997) e refere-se ao modo como ocorreu a modernização na agricultura brasileira, no final dos anos de 1950. A modernização tecnológica no campo brasileiro levou os camponeses, agora “desenraizados e expulsos da terra”, conseqüentes vítimas da Lei de Terras de 1850, a maiores dificuldades para permanecerem no campo (dominado pelas máquinas) ou se inserirem nas cidades (que não conseguiram absorver todo o excedente de mão-de-obra expulso do campo). Desta forma, estavam geradas as condições para a precariedade que acomete os trabalhadores rurais resistentes à mecanização e à expropriação do campo e para o processo de favelização nas grandes cidades, apenas para citar duas conseqüências. Para Martins (1997) é da modernização tecnológica no campo, aliada às não-modernizadas políticas sociais no Brasil, d’onde decorre a nossa “modernização

incompleta” e “marginal”.

[...] quando a revolução tecnológica impôs mudanças radicais nas relações de trabalho, os proprietários de terra rejeitaram a necessidade de fazer mudanças correspondentes e adaptativas no direito de propriedade. Recusaram-se a fazer a necessária reforma agrária. Selaram, por isso, o destino do país e de todos nós, condenando-nos à modernização inconclusa, a um desenvolvimento econômico excludente [...] (MARTINS, 1997, p. 73).

Deste modo, “modernização anômala” e “inclusão marginal” são termos “emprestados” que empregamos aqui para designar o modo como a incorporação de novas tecnologias, no caso o uso da telefonia, e novos modos de consumo, a exemplo do uso da tele-entrega, repercutem nas condições de trabalho dos trabalhadores desta atividade em Viçosa. Transpor a idéia de “modernização anômala” para nosso objeto de estudo nos ajuda a compreender os modos como a modernização se apresenta aqui. Mesmo estando no “topo” do que haveria de mais moderno ao modo de consumo contemporâneo (comprar mercadorias sem ter que se deslocar fisicamente), o serviço de tele-entrega visto a partir das condições de trabalho dos que o executam nos revela elementos não tão modernos.

Marginalmente inseridas no mundo acelerado da produção e do consumo de mercadorias, as empresas de tele-entrega em Viçosa (até as mais capitalizadas) se caracterizam pela baixa incorporação de elementos técnicos e intensiva exploração da mão-de-obra, exemplo disto é a extensa jornada de trabalho no qual estão submetidos seus trabalhadores e empregadores. Caso extremo é do empregador/trabalhador da empresa “F” cuja jornada diária chega a dezesseis horas, o que significa, no mínimo, um retrocesso dos direitos trabalhistas. O não-cumprimento das leis trabalhistas por alguns empregadores, o desconhecimento dos direitos trabalhistas pelos empregados e o não-uso de todos os equipamentos de segurança pelos trabalhadores da tele-entrega são, também, indícios de uma modernização “incompleta”.

Nesta situação paradoxal ou, segundo José de Souza Martins (2000), modernização com “queima de etapas”, a mera incorporação de “signos do moderno” (o que pode ser ilustrado pelo fato de todos os trabalhadores possuírem um telefone celular, alguns de “última geração”), não abre possibilidade da modernidade enquanto “realidade social e cultural produzida pela consciência da transitoriedade do novo e do atual” se concretizar. Não passando de um falso brilho da modernidade, a modernização aqui se apresenta no descompasso entre desenvolvimento econômico e desenvolvimento social.

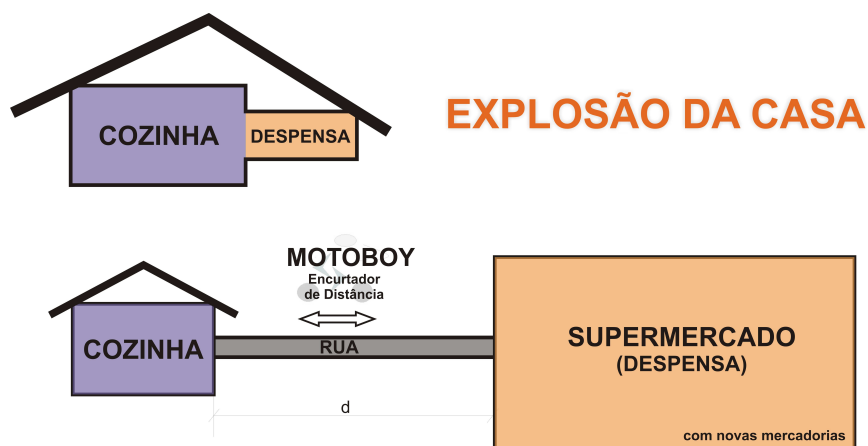
Desta maneira, a análise dos dados da pesquisa sobre o empreendimento da tele-entrega em Viçosa, novo campo que se abre como possibilidade de trabalho para recém ingressos no mercado de trabalho, para desempregados ou para aqueles que querem migrar de uma atividade “mais pesada” (como é o caso dos ajudantes da construção civil), nos revela elementos importantes para deciframos os modos e as condições nas quais o trabalho tem sido re-produzido em Viçosa: por detrás de atividades que oferecem o que de mais moderno o consumidor poderia requerer, comprar sem sair de casa, estão trabalhadores em situações não ta cômodas assim.

2.8. “Fora da cidade é mais caro” - do Serviço de tele-entrega à re-produção do espaço

As formas de uso e ocupação do tecido urbano pelos usuários e prestadores do serviço de tele-entrega nos trazem elementos importantes à compreensão do modo como se dá a reprodução do espaço no atual momento do processo de urbanização em Viçosa.

Pinheiro *et al* (2008) ao analisarem a dinâmica socioespacial do serviço de motoboy em Viçosa e a conseqüência deste serviço para a construção das unidades habitacionais, constataram que os hábitos de consumo dos usuários da tele-entrega, viçosenses e não viçosenses que aqui residem, indicam uma reconfiguração das formas de uso e apropriação do espaço. No caso, inferem que para alguns moradores em Viçosa esteja havendo a implosão-explosão de partes da casa residencial tradicional, conforme se ilustrou na figura abaixo:

FIGURA: 2.8.1



Fonte: Elaborado por PINHEIRO, Carolina; HONÓRIO, Leticia (2008).

Nesse processo, o fenômeno da expansão do tecido urbano se manifesta no âmbito do privado; quando agora partes da casa se expandem ao supermercado (ou seria

o supermercado que se aproxima da casa) a rua se reafirma como local primordial do fluxo de mercadorias vindas direto do distribuidor a varejo. Fazendo a ligação entre a casa e o supermercado está a mais nova mercadoria, o serviço do motoboy:

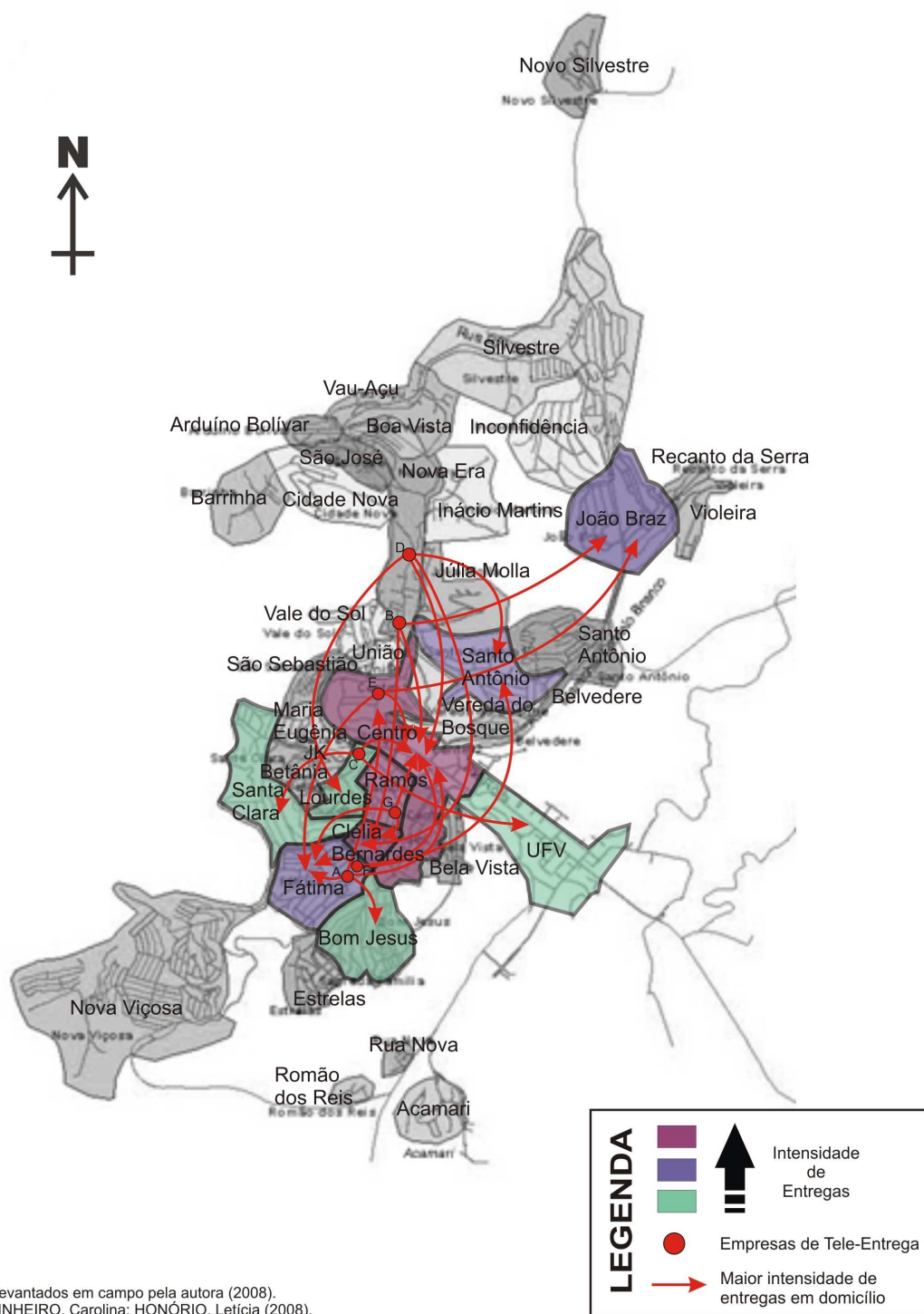
O serviço do *motoboy* reúne diversas manifestações de modos de hospitalidade, reflete e implica em novas formas de morar, de estar na “cidade”, de uso e produção do corpo, do espaço e do tempo urbano. Ao passo que a casa “explode”, a rua, tomada como sua extensão, reafirma a contradição entre máquina e corpo humano, quando a via sucumbe à rápida multiplicação e circulação da mercadoria (PINHEIRO *et al*, 2008).

Paradoxalmente, a casa explode e o espaço urbano se torna cada vez mais privado, fragmentado. As *festas, com “f” minúsculo*, passam a ser cada vez mais programadas, a acontecerem em lugares mais restritos, com público mercadologicamente escolhido e com valor estipulado. Desta forma, as possibilidades de encontro entre os viçosenses e os não-viçosenses, ou em outra escala, o encontro entre os modernizados e os que estão se modernizando passa a ser intermediado cada vez mais pelas novas mercadorias, que se realizam pelas mais diversas formas de trabalho. O serviço de tele-entrega é um exemplo emblemático aqui.

Carlos (2003) declara que é pelo espaço – condição e produto- que o processo de acumulação se generaliza. È este o cerne do que o Henri Lefebvre (1973) conceitua como “reprodução das relações de produção”. O que significa que o capitalismo se mantém hoje no seio da produção de um espaço favorável à sua reprodução. Deste modo, e apoiados na teoria de “implosão-explosão” da cidade tradicional, desenvolvida por este filósofo, compreendemos as características deste processo (em curso) ao fim do qual as antigas formas da cidade explodem, o tecido urbano se estende e prolifera, usos e funções se transformam destruindo os referenciais urbanos e com eles as pretéritas relações sociais.

Partindo desta tese, temos que no atual momento da urbanização em Viçosa a implosão das antigas formas da cidade coloca em risco o centro que tende a ser reapropriado e subordinado inteiramente à lógica da mercadoria, sob a ditadura de um tempo linear que se impõem sobre outros não-lineares, pela efemeridade das coisas e das relações sociais. A disposição dos usuários do serviço de tele-entrega no tecido urbano em Viçosa, ilustrada na figura a seguir (2.8.2), nos fornece elementos para a essa discussão.

**FLUXO E INTENSIDADE DE ENTREGAS EM DOMICÍLIO
PELAS EMPRESAS: “A”, “B”, “C”, “D”, “E”, “F” e “G” (2008)**



Fonte: dados levantados em campo pela autora (2008).
Elaboração: PINHEIRO, Carolina; HONÓRIO, Leticia (2008).
Base Cartográfica LABGEO/UFV (2002).

FIGURA 2.8.2

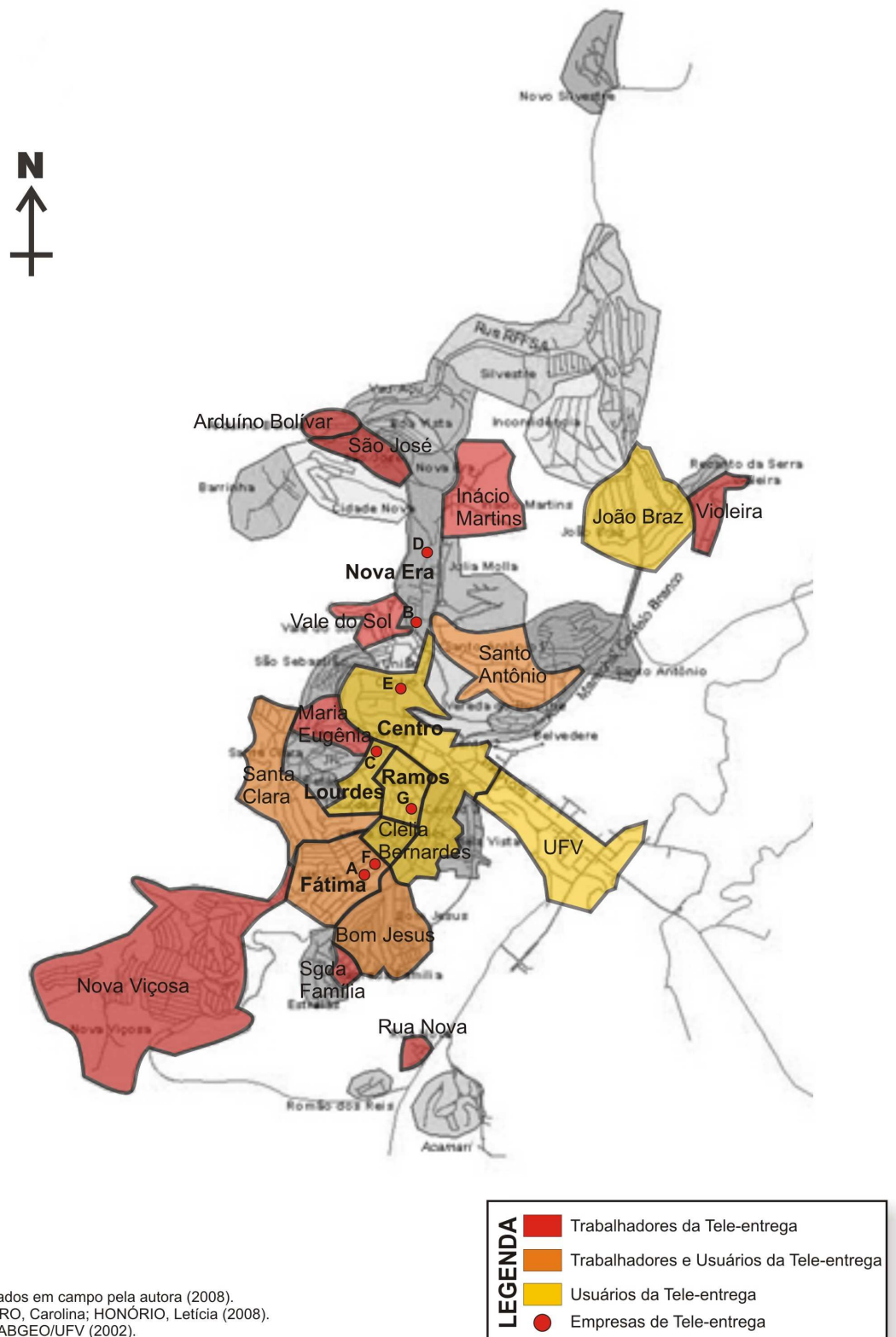
Conforme pode ser visto na figura 2.8.2, na área central em Viçosa estão concentrados maior parte dos usuários do serviço da tele-entrega. Também, exceto as empresas “B” e “D”, localizadas no bairro Nova Era, as demais empresas de tele-entrega em Viçosa estão localizadas no centro ou na área central - Centro, Lourdes, Ramos e Fátima . Apesar da fala da maioria dos interlocutores não fazer referência a este fator, quando perguntados sobre os motivos da localização das respectivas empresas⁹, todas elas estão próximas a vias estruturais, responsáveis por coletar e distribuir maior parte dos fluxos da malha urbana em Viçosa, a saber: Avenida Santa Rita, Bueno Brandão, Rua dos Passos, Gomes Barbosa, Milton Bandeira e Jacob Lopes de Castro. Tal posição na malha urbana confere a estas empresas uma posição privilegiada. Estas áreas, de maior fluxo de pessoas, maior concentração de comércio, maior verticalização, é caracteristicamente onde há maior densidade de equipamentos urbanos e, de acordo com dados da pesquisa, onde reside a maioria dos usuários deste serviço.

Em relação à posição dos usuários, as recentes transformações na paisagem urbana da área central em Viçosa e dos bairros adjacentes a ela, com a crescente verticalização, os revelam como sendo locais de novos agregados familiares, demandadores de novos modos de consumo. Neste sentido, a área onde há maior densidade “técnico-científico-informacional”, usando um conceito de Santos (2006), nos indica em qual parte do tecido urbano em Viçosa a reprodução capitalista do espaço se dá de forma mais intensa.

O contrário pode ser observado na figura mostrada a seguir (2.8.3) onde se ilustrou o local de moradia dos usuários e dos trabalhadores da tele-entrega em Viçosa. À medida que nos afastamos da área central aumenta o número de bairros onde residem os trabalhadores da tele-entrega e, de maneira inversa, diminui o número de bairros onde residem usuários deste serviço.

⁹ A exceção apareceu na empresa “C”, que já funcionara em outro local em Viçosa, também no centro. Perguntado sobre o motivo da mudança de endereço, o empresário “C” declarou: “aqui o espaço é mais amplo, não tinha nenhum tele-entrega nessa área e ela ainda continua no centro”. Nos demais casos, a localização do empreendimento pareceu estar relacionada à proximidade destas com a residência de seus proprietários.

LOCAL DE MORADIA DOS TRABALHADORES DA TELE-ENTREGA E DOS USUÁRIOS DO SERVIÇO EM VIÇOSA-MG, 2008



Fonte: dados levantados em campo pela autora (2008).
 Elaboração: PINHEIRO, Carolina; HONÓRIO, Leticia (2008).
 Base Cartográfica LABGEO/UFV (2002).

FIGURA 2.8.

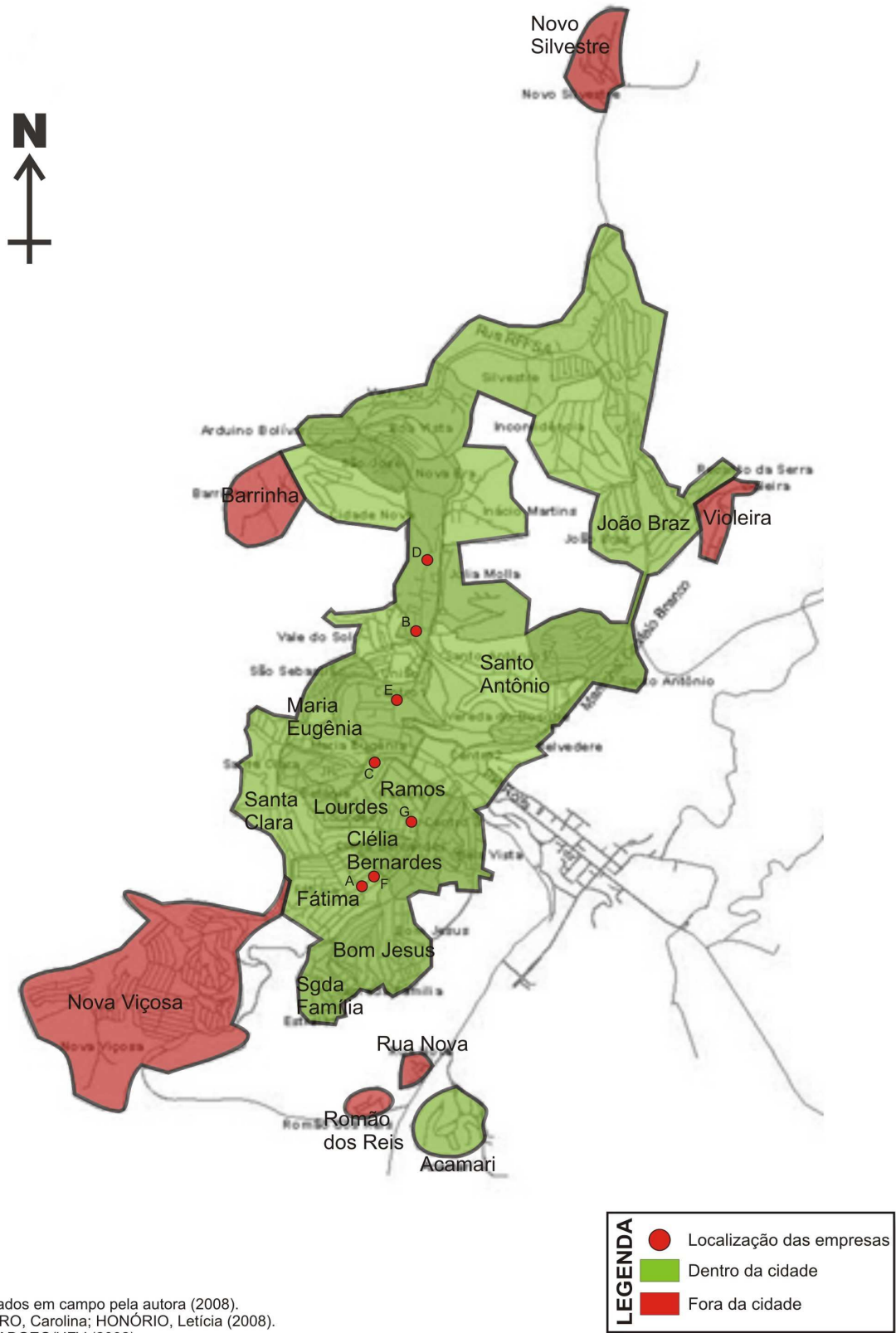
Poderíamos dizer que estas áreas onde residem os trabalhadores da tele-entrega em Viçosa se caracterizam pela urbanização desurbanizada? Neste sentido, recorrer à geógrafa Amélia Damiani (1999), que analisou o processo de urbanização na metrópole de São Paulo, nos ajuda a compreender aqui em Viçosa parte do processo de segregação espacial, cujo principal motor é a urbanização como negócio. Neste sentido, um espaço-tempo indecifrável é re-produzido impulsionado por trabalhadores “invisíveis”, situação na qual os trabalhadores da tele-entrega se enquadram.

Deste modo, não só nas cidades maiores, mas aqui também, na periferia do modo de produção capitalista, onde as atividades produtivas se encontram na ponta do processo da produção de mercadorias, a reprodução do espaço se evidencia na reprodução do perto e do longe, na metamorfose das centralidades tradicionais, na segregação socioespacial.

À medida que nos afastamos do centro da cidade vemos a outra face – ou seria a mesma?- da modernização anômala, que marginaliza demarcando nitidamente o local privilegiado dos que consomem e dos que “produzem” a cidade. Levando em conta a taxa cobrada pelas empresas de tele-entrega em Viçosa foi possível identificar alguns bairros considerados “fora da cidade”, em contraposição aos bairros “de dentro”. A taxa de entrega cobrada pela maioria das empresas é de R\$ 3,00 (três reais) para as áreas “dentro da cidade” e R\$ 6,00 (seis reais) para as áreas “fora da cidade”, assim distinguido pelos interlocutores.

Neste sentido, podemos representar a cidade a partir da localização daqueles que consomem o serviço e daqueles que o presta.

ÁREAS DE COBRANÇA DA TAXA DE SERVIÇO DE TELE-ENTREGA EM VIÇOSA “DENTRO DA CIDADE” E “FORA DA CIDADE”



Fonte: dados levantados em campo pela autora (2008).
 Elaboração: PINHEIRO, Carolina; HONÓRIO, Leticia (2008).
 Base Cartográfica LABGEO/UFV (2002).

FIGURA 2.8.4

Se comparados com a figura 2.8.3, veremos que alguns bairros onde residem os moradores da tele-entrega são, também, bairros considerados “fora da cidade”. Além disso, a proximidade do bairro Rua Nova com o Acamari, apesar de o primeiro ser considerado “fora da cidade” e o segundo “dentro da cidade”, e conhecendo os padrões habitacionais dos dois bairros, temos indícios de que o perto e o longe, o dentro e o fora, o periférico e o central não têm a ver somente com a localização física entre consumidores e empresa. Neste sentido, uma investigação mais detalhada, partindo do lugar, do nível do vivido, seria necessária para desvendar o que há por detrás desta diferenciação. Por ora, o que podemos afirmar com vistas no que nos foi dito pelos interlocutores, quando perguntados sobre os motivos da diferenciação da taxa de serviço prestado por eles, é que por causa da distância, pelo “risco” que se corre ao transitar em alguns bairros da cidade, principalmente à noite, “fora da cidade é mais caro”!

Neste sentido, os “de fora” são também os “de longe”, re-produção do trabalho e do espaço caminham “par e passo” em Viçosa.

CONCLUSÃO

A atividade de tele-entrega surge das modificações contemporâneas que foram impostas ao mundo do trabalho. O empreendedorismo daqueles que iniciaram esta atividade em Viçosa, no início dos anos 2000, e a “clandestinidade” destes que agora se empreendem de maneira autônoma (e mais precária), revelam esta atividade como sendo de grande importância para a re-produção do trabalho masculino, sobretudo jovem e de baixa qualificação, em Viçosa.

Como a re-produção do trabalho e do espaço caminha juntas, a demanda crescente pelo serviço de tele-entrega em Viçosa nos revela novas formas de produção, apropriação, uso e consumo do tempo e do espaço. A localização dos usuários e das empresas na área central em Viçosa reafirma o centro como local onde a reprodução capitalista ocorre de forma mais intensa. Também, a crescente verticalização nestas áreas, configurando-as como locais de novos “tipos” familiares (repúblicas, pessoas que moram sozinhas, etc), confirma o fato de, no caso da tele-entrega, serem as pessoas do “tempo rápido” quem mais demandam este tipo de serviço.

Assim, a cidade *implodida-explodida*, base do *tecido urbano*, presencia o surgimento de “novas atividades” (ou novas formas de reprodução do capital) sem, no

entanto, apagar por completo o conteúdo histórico, o espaço familiar, os tempos pretéritos. Tal fato pôde ser constatado na rotina dos trabalhadores da tele-entrega, no modo como estes se relacionam entre eles, com e no espaço urbano. A subutilização do computador por aqueles que o acham “demorado”, o modo como localizam o endereço dos clientes, na malha urbana, o emprego da mão-de-obra familiar, o trabalho doméstico (desempenhado em casa), revelam várias temporalidades imbricadas na atividade de tele-entrega em Viçosa confirmando o caráter heterogêneo do nosso processo de urbanização.

Neste sentido, analisar a prática socioespacial em Viçosa a partir da atividade de tele-entrega nos forneceu elementos para a compreensão de como a modernização repercute na periferia do capitalismo. Periferia porque aqui a modernização não se realiza de maneira completa. A alta jornada de trabalho, o desconhecimento das leis trabalhistas, o não-cumprimento das condições de segurança no trabalho precarizam a condição de trabalho destes sujeitos, prevalecendo o econômico sobre o social.

Mesmo nestas condições, os empreendedores da tele-entrega em Viçosa, valendo-se de uma posição estratégica, próximos aos consumidores, forneceram condições para que mais trabalhadores se inserissem neste ramo de atividade, que hoje em dia passa a ser desempenhada também pelos chamados “clandestinos”.

Demanda ascendente em Viçosa, dado as características de seus usuários, o trabalho de motoboy parece ser hoje a “melhor opção possível” para inúmeros sujeitos sociais (invisíveis) que à margem da periferia ficam ocultados por detrás da falsa promessa daquilo de bom que a modernização poderia nos oferecer: comodidade (no consumo de mercadorias), rapidez (no consumo de mercadorias), facilidade (na aquisição e uma mercadoria)¹⁰.

Se aos empresários, pioneiros da tele-entrega em Viçosa, foi possível estabelecer em uma sede, o solo cada vez mais fragmentado, privado e raro, principalmente na área central, indica que cada vez mais trabalhadores, subempregados, desempenharão atividades de maneira autônoma, sem um local fixo de trabalho ou, no máximo, terão a unidade habitacional como sede. No que se referem às empresas já consolidadas, estas terão que disputar com os “clandestinos” o vasto mercado que se anuncia (devido a expansão dos cursos de graduação na UFV e nas faculdades particulares em Viçosa). Contudo, o fato destas empresas investirem na “indústria da

¹⁰ Comodidade, rapidez e facilidade são tríades que apareceram na fala de todos os interlocutores, quando estes foram indagados sobre os motivos que levam os usuários a demandarem este serviço.

festa” (outro tema cuja análise muito pode esclarecer sobre o processo de urbanização em Viçosa), investindo em produtos como: cerveja, gelo, carvão, aluguel de mesas, cadeiras, etc., não deixa de ser uma estratégia de sobrevivência, pois aos denominados “clandestinos”, descapitalizados, sem uma unidade sede, só lhes restam vender sua força de trabalho, para outras empresas do ramo de comércio ou prestando serviço de motoboy a pessoas físicas.

Assim, no atual momento do processo de urbanização em Viçosa, a reprodução do trabalho se faz de forma precária, sendo o setor de serviços seu grande impulsor. Já a reprodução do espaço, não de forma diferente, se dá do encontro de diversas espacialidades e temporalidades, apesar da “urbanização mercadoria” deixar marcas mais visíveis no espaço físico.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Cássia. Sobre Duas Rodas. In: *O Globo*. Disponível em: <<http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=341991>>. Acesso: 10 mar 2008.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do Trabalho*. Ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. 3 ed. São Paulo: Boitempo, 2000.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Audiência aponta necessidade de regulamentar mototáxis*. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/homeagencia/materias.html?pk=105572>>. Acesso: 02 set 2008.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. *Privatização no Brasil - 1990 a 2002*. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/conhecimento/publicacoes/catalogo/Priv_Gov.pdf>. Acesso em: 03 out 2008.

BRASIL. Ministério Público do Trabalho. *Motociclistas profissionais de Minas Gerais terão Convenção Coletiva*. Disponível em: <<http://www.pgt.mpt.gov.br/pgtgc/publicacao/engine.wsp?tmp.area=270&tmp.texto=4294>>. Acesso em: 01 out 2008.

BRASIL. Universidade Federal de Viçosa. Comissão Permanente de Vestibular e Exames. *Cursos Oferecidos*. Disponível em: <<http://www.copeve.ufv.br/docs/quadroCursos.pdf?area=cursosOferecidos>>. Acesso em: 09 out 2008.

CALIARI, Tânia; HERNANDES, Rafael. Motoboys, o Exército da Salvação. In: *Revista Retrato do Brasil*. São Paulo: 2008, n. 15, out. - nov. 2008.

CAMPENHOUDT, Luc Van; QUIVY, Raymond. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 4 ed. Lisboa: Gradiva, 2005.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Novas Contradições do Espaço. In: CARLOS, Ana F. A.; DAMIANI, Amélia Luisa; SEABRA, Odette Carvalho de Lima (Orgs). *O Espaço no Fim do Século – a nova raridade*. São Paulo: Contexto, 1999.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

DAMIANI, Amélia Luisa. A Crise da Cidade: Os Termos da Urbanização. In: CARLOS, Ana F. A.; DAMIANI, Amélia Luisa; SEABRA, Odette Carvalho de Lima (Orgs). *O Espaço No Fim De Século – a nova raridade*. São Paulo: Contexto, 1999. p.118-131.

DAMIANI, Amélia Luisa. O Urbano no Mundo da Mercadoria. In: CARLOS, Ana Fani

Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges. *Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 367 – 369.

DINIZ, Eugênio Paceli Hatem. *Entre as exigências de tempo e os constrangimentos do espaço: as condições acidentogênicas e as estratégias de regulação dos motociclistas profissionais*. Dissertação (Mestrado em Engenharia). 2003, 123p. Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2003.

ESTRADA, Manuel Martín Pino. *Panorama Juslaboral do Teletrabalho na América Latina e na Europa*. Disponível em: <<http://www.sobratt.org.br/panorama.pdf/>>. Acesso em: 10 out 2008.

GRUPO TELEFÔNICA NO BRASIL. *Sociedade da Informação no Brasil. Presente e Perspectivas*. Brasil: Takano Editora Gráfica, 2002.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 4 ed. São Paulo: Loyola, 1994.

LEFEBVRE, Henri. *A Reprodução das Relações de Produção*. Tradução de Antônio Ribeiro e M. Amaral. Porto: Escorpião, 1973.

_____. *Espacio y Política: el Derecho a la Ciudad II*. Barcelona: Península, 1976.

_____. *A Revolução Urbana*. Tradução de Sérgio Martins. 2ª reimpr. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LELIS, Juliana; BORGES, Ronan E. *Comércio Informal em Viçosa (MG): sobrevivência, precarização do trabalho, consumo e espaço*. 2008, 30p. Relatório Final de Pesquisa. PIC/CEF - Programa de Iniciação Científica/ Caixa Econômica Federal. 2008.

LESSA, Leila et al. *Prática sócio-espacial do lazer, morfologia urbana e hospitalidades contemporâneas em Viçosa, Minas Gerais*. In: Simpósio de Iniciação Científica, 18. 2008, Viçosa. *Anais*. Viçosa: UFV. (Cd room)

PINHEIRO, Carolina et al. *Prática sócio-espacial do serviço do motoboy, morfologia urbana e hospitalidades contemporâneas em Viçosa, Minas Gerais*. Simpósio de Iniciação Científica, 18. 2008, Viçosa. *Anais*. Viçosa: UFV. (Cd room).

MACHADO, André Felipe. *Motociclistas profissionais de Minas Gerais terão convenção coletiva*. Disponível em: <http://www.techforce.com.br/index.php/news/motoclubes/noticias/motociclistas_profissionais_de_minas_gerais_terao_convencao_coletiva>. Acesso em: 30 out 2008.

MALAGUTI, Manoel Luiz. *Crítica à razão informal: a imaterialidade do salariado*. São Paulo: Boitempo; Vitória: EDUFES, 2000.

MARTINS, José de Souza. *Exclusão Social e a Nova Desigualdade*. São Paulo. Paulus Editora, 1997.

_____. *A Sociabilidade do Homem Simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Hucitec, 2000.

MARX, Karl. *O capital*. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

MELLO, Fernando Antônio Oliveira. *Análise do Processo de Formação da Paisagem Urbana do Município de Viçosa*. Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal). 2002. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2002.

NEVES, Maria. *Audiência aponta necessidade de regulamentar mototáxis*. Disponível em :<<http://www2.camara.gov.br/homeagencia/materias.html?pk=105572>>. Acesso em: 25 out 2008.

PETROVICK, P. R. PIOTROWICZ, M. R. B. Atendimento remoto farmacêutico: análise dos serviços de tele-entrega de medicamentos por estabelecimentos farmacêuticos de Porto Alegre. In: *Revista Infarma*. Porto Alegre, 2003. n 9-10, v.15.

RIBEIRO, G. B. *A formação do espaço construído: cidade e legislação urbanística em Viçosa, MG*. Dissertação (Mestrado em Urbanismo). 1997. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1997.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Espacialidades e Temporalidades Urbanas. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges. *Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 99 -104.

SANTOS, Milton. *Metamorfose do Espaço Habitado*. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SEBRAE. Na rota dos motoboys - Oportunidades de Negócios. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/motoboy/weblog/4771.html>>. Acesso em: 05 out 2008.

TELETIME. *Atlas Brasileiro de Telecomunicações*. Teletime, 2008, p. 166.

THOMAZ JÚNIOR, Antônio. Por uma Geografia do Trabalho. In. *Scripta Nova: Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais*, Barcelona, v. 6, n. 119, ago. 2002. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-5.htm>>. Acesso em: 12 set. 2008.

ANEXO I – ROTEIRO GUIA PARA ENTREVISTA - SERVIÇO DE TELE-ENTREGA EM VIÇOSA, MINAS GERAIS.

Data: ___/___/___ Hora: ___:___min. Local:_____.

DO ENTREVISTADO

1. Nome do entrevistado:_____ Idade: _____.
2. Endereço de moradia:_____.
3. Posto(s) que ocupa na empresa:_____, há quanto tempo? _____.
4. Em que trabalhava antes:_____.

DA EMPRESA

1. Nome do estabelecimento e tempo de funcionamento:
_____.
2. Endereço do estabelecimento:
_____.
3. Porque está localizado nesse lugar?
_____.
4. Houve endereços anteriores? () não ()sim. Onde?
_____.
5. Tipos de produtos comercializados: () medicamentos; () lanches e bebidas;
() gás e água; () outros:_____.
6. Produtos mais solicitados: _____, _____, _____.
- 7.Taxa da entrega:_____.
9. Horário de funcionamento: _____.
8. Quais são as exigências legais para se disponibilizar a tele-entrega?

_____.

DO TRABALHADOR

1. Número trabalhadores(a)s: mulheres:_____ homens:_____.
2. Forma com que fazem a entrega: _____.
3. Como são disponibilizadas as vagas para tele-entrega: _____.

_____.

4. Forma de contrato trabalhista do entregador e de remuneração:

() assalariado () prestador de serviço de outra empresa () informal / () salário () por entrega () por KM; outro ().

5. Três tipos exigências à escolha dos trabalhadores da tele-entrega:

_____;

6. Três áreas onde mais fazem entregas: _____;

_____.

7. Fazem entregas fora de Viçosa? _____.

DOS USUÁRIOS DO SERVIÇO DE TELE-ENTREGA

1. Que tipo de pessoas solicitam o serviço? _____,

_____.

2. Porque as pessoas utilizam este tipo de serviço? _____.

3. Quais perspectivas em relação à prestação deste serviço na cidade?

_____.

COMPLEMENTO: Postos de Trabalho de cada funcionário, idade, gênero, lugar onde nasceu e dizer se tem outro emprego:

Postos de trabalho	Idade/Gênero	Naturalidade	Local onde mora	Outro Emprego?

